

Rindo e Refletindo com Chico Xavier



Richard Simonetti

Rindo e Refletindo com Chico Xavier



Richard Simonetti

Rindo e refletindo com Chico Xavier

Volume U

Richard Simonetti

1* edição - maio de 2007 10.000 exemplares

Desde que se admite a solicitude de Deus para com as suas criaturas, por que não se há de admitir que Espíritos capazes, por sua energia e superioridade de conhecimento, de fazerem que a Humanidade avance, encarnem pela vontade de Deus, com o fim de ativarem o progresso em determinado sentido?

Por que não admitir que eles recebam missões, como um embaixador as recebe do seu soberano?

Tal o papel dos grandes gênios.

Allan Kardec, em A Gênese, cap. I

Sumário

<i>Algo mais</i>	13
Sexo	15
Problemas de interpretação	19
A justiça e a bondade	.25
Quem não gosta de samba	31
O sucessor	37
Conquistar a vida	43
Dar de graça	.47
A condição primeira	53
Sentar em dma	59
Começo humilde	65
Impressora do além	71
Bom demais!	77
O melhor investimento	83
Pá para você	89
Unificação	95

Cisco	
O mercador e o servidor	107
Melindres	113
Evangelização	119
Amigos do Cristo	125
Rescaldo	^ .131
Véspera da prática	135
O óbvio	141
Paciência	., 147
Oração	153
Das sogras	.159
Um index espírita	163
Ação e oração	169

Algo mais

Com a primeira edição de dez mil exemplares esgotada no lançamento, o livro Rindo e Refletindo com Chico Xavier sugere uma continuidade, que se materializa agora com a publicação deste segundo volume.

Diz a sabedoria popular que rir é o melhor remédio para os nossos males.

É até científico, amigo leitor. Quem diria!

Há inúmeras terapias envolvendo o riso.

Dizem os entendidos que quando rimos estamos mandando uma ordem para o cérebro:

Produza betas endorfinas!

São substâncias analgésicas, cuja ação guarda semelhança com as morfina, com potência muito maior e sem os inconvenientes daquelas.

Melhor ainda se pudermos ultrapassar o simples rir, desembocando no refletir, isto é, que nossas risadas não sejam apenas desopilantes, mas, também, instigantes.

É o que nos proporcionam os bem-humorados episódios e expressões de Chico Xavier que aqui transcrevo.

Que lhe liberem muitas endorfinas, leitor amigo, em momentos de descontração, depurando o fígado e afastando as doenças do corpo, mas, sobretudo, lhe exercitem os miolos, sustentando a saúde da alma.

Bauru, dezembro de 2006 Silkwmo.ridtardsimorietti.com.br

Sexo



Pergunta o jovem:

- E daí, Chico, seco antes do casamento é proibido?

Responde o médium:

- Meu filho, nada é proibido. No entanto, sem amor, nada vale a pena, nem o sexo, nem o casamento.

Notável observação!

A Doutrina Espírita, proverbialmente, enfatiza a consciência livre.

Não há proibições, considerando-se que a responsabilidade é uma planta frágil que só cresce em regime de liberdade.

Isso não consagra a ideia do *liberou geral*, já que tudo o que fizermos, dentro dos princípios de causa e efeito que nos regem, terá uma consequência.

Tenho a liberdade de fazer o que me aprouver, mas sempre responderei por minhas iniciativas.

Digamos, caro leitor, que desfrutamos todos de uma *liberdade vigiada*.

Os deslizes de comportamento fatalmente resultarão em cobranças, não na forma de punições divinas, mas de reações de nossa própria consciência, considerando que fomos programados para o que é certo, justo, verdadeiro.

O mal será sempre um desvio transitório de rota, com retomo obrigatório aos caminhos do Bem.

Em última instância, temos a liberdade de fazer exatamente... o que Deus espera de nós!

Tudo o que não for compatível com os desígnios divinos resultará em males tendentes a corrigir nossa rota.

Detalhe importante: as cobranças serão tanto mais severas quanto mais desenvolvido o Espírito em conhecimento, quanto mais amadurecido, mais

capaz de distinguir o certo do errado, o Bem do mal. ***

Com relação à vida sexual, operou-se na década de sessenta, no século passado, uma revolução nos países ocidentais.

Vão longe os tempos em que sexo era considerado algo de pecaminoso, a ser exercitado apenas para a procriação, conforme ensinavam os manuais religiosos.

Vale lembrar que o dogma da virgindade perene de Maria foi inspirado nessa ideia. Como, argumentavam os teólogos, poderia a mãe de Jesus, personificação da pureza, ter se dado ao desfrute de uma relação sexual?

A forma de contornar essa dificuldade foi o dogma da virgindade perene de Maria. Não teria coabitado com José, mantendo-se casta.

Havia um problema: nos Evangelhos há referência aos irmãos de Jesus.

Resolveu-se a pendência com a ideia de que José tivera filhos de um casamento anterior, ou seriam apenas primos seus.

Não há limites para a fantasia quando renunciamos à lógica e ao bom senso.

Para o Espiritismo a atividade sexual não tem nada de pecaminosa.

É por ela que viemos ao Mundo.

É graças a ela que as espécies subsistem.

O problema para os teólogos estaria no prazer.

Sem prazer não haveria excessos, vedações, desajustes, paixões avassaladoras, traições...

Em contrapartida, estaria ameaçada a sobrevivência humana!

Já pensou, leitor amigo: sexo burocrático, frio, apenas para perpetuar a espécie?

Na realidade, o que compromete o relacionamento sexual são os

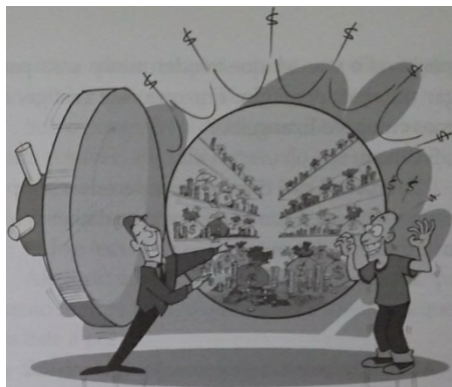
excessos.

Sexo, na atualidade, deixou de ser parte do amor, convertendo-se em sinônimo dele.

Quando o jovem fala em *fazer amor*, expressão lamentável, está se referindo à prática sexual, como se o amor fosse sexo e não parte dele apenas.

E sem amor, como diz Chico, nada vale a pena, nem mesmo o sexo!

Problemas de interpretação



Angustiado visitante reclamava com Chico:

- Tentei cumprir rigorosamente o Evangelho, mas devo lhe dizer que não deu certo.

- O que houve, meu irmão?

- Sou gerente de uma agência bancária. Concedi vultoso empréstimo a uma pessoa que implorou ajuda, em face de suas dificuldades financeiras. Ocorre que o título venceu e não foi pago. Sou o responsável e vou ter que vender minha casa para pagar ou serei demitido. Por que esse castigo, se apenas cumpri o Evangelho?

E Chico:

- Emmanuel está dizendo que devemos sempre cumprir o Evangelho, mas com o nosso dinheiro, não com o dinheiro dos outros.

A bem-humorada observação do mentor de Chico nos remete a um problema relacionado com a vivência evangélica: a interpretação, em que muitas vezes se confunde *focinho de porco com tomada elétrica*.

O nosso gerente de Banco certamente pretendeu observar a recomendação de Jesus, no *Sermão da Montanha* {Mateus, 5:42):

Dá a quem te pedir, e não te desvoies daquele que quiser que lhe emprestes.

Porém, levada às últimas consequências, essa orientação de Jesus determinaria a falência de indivíduos e instituições.

Por outro lado, não é nada evangélico um lacônico *não* a quem nos pede ajuda ou a disposição de não receber quem nos pede um empréstimo.

Sob o ponto de vista humano, é um direito agir assim e, talvez, até mais correto do que mentir, como ocorre frequentemente.

Se é o pobre que bate à porta, pedindo ajuda:

- Hoje tem nada não!

Além de assassinar o vernáculo, mentiu, porquanto sempre há algo que se possa oferecer a quem nos bate à porta.

Se é o amigo, que vem pedir empréstimo:

- Sinto muito. Tive muitos gastos recentemente e não tenho como atender à sua solicitação.

Não raro, para evitar o constrangimento da recusa, pede-se a alguém que informe ao visitante:

- Ele não está.

Aqui, o cuidado de dar essa incumbência a uma criança que, na sua inocência, poderá complicar, informando ao ansioso visitante:

- Papai mandou dizer que saiu.

Quando mentimos em situações dessa natureza, incorremos em dupla falta, porquanto infringimos outro artigo do código evangélico.

Palavras de Jesus (Mateus, 537):

Seja o vosso "Sim", sim, e o vosso "Não", não. O que disse passar procede do maligno.

Pois é, prezado leitor. Sempre que pretendemos nos livrar de alguém partindo para a mentira, estamos apelando para o maligno que mora em nós, estabelecendo sintonia com as sombras.

Mentir é algo muito sério e comprometedor!

O ideal, na vivência evangélica, é o *nem tanto ao Céu, nem tanto à Terra.*

Sempre haverá algo que se possa oferecer ao que bate à porta. Entendo mesmo que sua carência maior, que raramente satisfazemos, é um pouco de atenção.

Lembro uma mensagem de Meimei, em psicografia de Francisco Cândido Xavier, quando diz:

E, em verdade, se os famintos e os nus te pedem pão e agasalho, esperam de ti, acima de tudo, o sorriso de ternura e compreensão que lhes acalme as ôlagas ocultas.

Quanto aos empréstimos, amigo leitor, se você está *dando tratos à bola*, buscando uma fórmula intermediária entre o *não e o sim*, passo-lhe a experiência de um amigo.

Diante dos que lhe solicitam empréstimo, que ele sabe, será pago no dia de São Nunca, diz o seguinte: - Você está me pedindo duzentos reais. Disponho de vinte. Pague quando puder.

Ele sabe que não mais verá a cor daquele dinheiro, mas fica o crédito de uma boa ação, contando com celeste remuneração: bênçãos divinas para sua vida.

A justiça e a bondade



Conversava-se sobre o exercício da bondade e da justiça nos serviços filantrópicos de assistência aos carentes de todos os matizes.

E Chico, bem-humorado:

- Ser bonzinho é fácil; difícil é ser justo.

Como sempre, o médium disse muito em poucas palavras.

Em face de nossas limitações, é complicado conciliar a bondade com a justiça.

A mulher paupérrima, com um filho nos braços e outro grudado em sua saia, bate à porta.

Compadecemos-nos e imediatamente lhe estendemos uns trocados.

Ela se acostuma.

Vem solicitar socorro, periodicamente.

Damos-lhe algo, bondosamente.

Bondade capenga, na base do *vá embora logo e não me incomode*.

Aliviamos a consciência e nos livramos de sua presença.

Estaremos exercitando a justiça?

Certamente, não.

Justo seria conversar com ela, definir melhor suas carências, anotar seu endereço, visitá-la... Saber de suas reais condições.

E se for vidada em viver de favores?

Estaremos alimentando sua indolência.

Por outro lado, se for realmente necessitada, poderemos encaminhá-la a recursos da comunidade, instituições filantrópicas, órgãos governamentais, institutos de educação...

Faltam não apenas recursos aos carentes. Falta-lhes também orientação, estímulo, para que possam buscar a própria promoção, melhorando de vida.

Um trabalho bem orientado nesse sentido, favorecendo a conciliação da justiça com a bondade, dificilmente será exercitado de forma isolada.

Fundamental que participemos de obras sociais de benemerência, na condição de voluntários, para serviços diversos, visando o atendimento da população carente.

Aí, sim, estaríamos fazendo justiça e exercitando a verdadeira beneficência, que é, segundo Jesus, o empenho de nos colocarmos no lugar do outro, procurando sentir suas limitações e necessidades, dando-lhe apoio efetivo, além da simples esmola.

Há o reverso da moeda - a justiça sem bondade.

As pessoas a exercitam quando criticam acremente aqueles que se comprometeram na violência, no vício, no crime, no desatino.

- Bandido tem que apodrecer na cadeia!
- E preciso instituir a pena de morte!
- Polícia deve atirar para matar!
- Se um facínora desses agir assim com filho meu, acabo com ele!
- Mulher adúltera tem que ser escorraçada do lar!

Para o homem comum, reações dessa natureza representam um exercício de justiça, uma reação ao mal, mas é a justiça de Moisés, do *olho por olho, dente por dente*.

Ocorre que ela cheira a vingança e foi superada pela orientação de Jesus, que textualmente, ensina (Mateus, 5:20):

Pois vos digo que se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos Céus.

Esse componente que vai além do *olho por olho* de Moisés é a bondade, que se coloca no lugar daquele que se comprometeu no mal, buscando identificar os fatores adversos que pesaram em seu comportamento.

Não é novidade nenhuma que a grande maioria dos criminosos é de extrema carência cultural e espiritual, que os leva a apelar para a delinquência a fim de resolver seus problemas.

E podem ocorrer funestas consequências.

Por não termos exercitado a bondade temperada de justiça, com aquela mãe que batia à nossa porta, seu filho, por falta de orientação e amparo, poderá converter-se no criminoso que nos agredirá, inspirando indignação e o desejo de que lhe sejam longas e pesadas as grades.

Acabamos falhando em dois tempos.

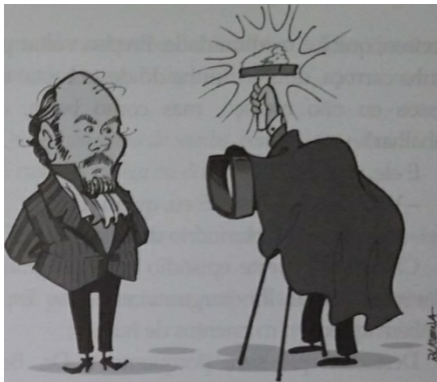
Ontem.

Fomos bonzinhos com a pobre mãe, esquecendo a justiça.

Hoje.

Queremos os rigores da justiça para seu filho, esquecendo a bondade.

Quem não gosta de samba...



Chico passava por uma crise de labirintite que muito o afligia.

Em oração, viu o doutor Bezerra de Menezes, o generoso benfeitor espiritual.

Logo apelou:

- Dr. Bezerra, rogo-lhe que me auxilie. Estou passando mal. Não lhe peço como gente, mas na condição de besta. Façamos de conta que eu estou fazendo parte de uma carroça de trabalho para mim preciosa, que é a mediunidade. Preciso voltar para a minha carroça, doutor. Tenha dó desta besta! Como pessoa eu não mereço, mas como besta, quero trabalhar!

E ele, sorrindo:

- Você, besta, Chico? E eu, quem sou?

- O senhor é o veterinário de Deus!

Chico contou este episódio num programa de televisão, quando

lhes perguntaram se os Espíritos também apreciam momentos de humor.

Destacou que sim, porquanto o Dr. Bezerra recebeu com gostosa gargalhada sua observação.

Considerando-se o humor como um estado de espírito, obviamente iremos encontrar, assim como no plano físico, gente bem ou mal-humorada *do outro lado*.

Diríamos mesmo que um dos detalhes a levar em consideração, quando se pretenda identificar entidades que se manifestam em reuniões mediúnicas, diz respeito ao seu humor.

Espíritos irritados, agressivos, impositivos, solenes, circunspetos, lembram o refrão do samba famoso, de Dorival Caymmi:

Quem não gosta de samba, bom sujeito não é.

É ruim da cabeça ou doente do pi

Quem não curte o bom humor, Espírito bom não é.

Tem perturbação na cachola e coração sem fé.

Missionários em trânsito pela Terra enfrentam os dissabores da existência, lutas e desafios, sem jamais pretenderem que carregam o peso do Mundo nas costas.

Chico era um admirador de Teresa D A vila (1515-1582), notável servidora do Cristo, que se destacava pela coragem de enfrentar as atribuições sem entregar-se a sentimentos de tristeza e desânimo.

Jamais perdia o bom humor, nem deixava de procurar os sofrendores de todos os matizes, levando-lhes a palavra amiga, a ajuda, o conforto.

Certa feita, numa dessas jornadas, atravessava um rio quando caiu um temporal violento, tomando caudalosas suas águas.

Foi salva por Jesus.

Emocionada, ouviu o Mestre dizer-lhe:

- Vês, Teresa? É submetendo-os a perigos e sofrimentos da jornada, que testo a fidelidade de meus amigos queridos.

E Teresa, bem-humorada:

- Ah! Senhor! Talvez seja por isso que tenhas tão poucos amigos.

Revelação surpreendente: o próprio Allan Kar- dec - quem diria! -, que muitos imaginam sisudo? não era nada disso.

Essa ideia equivocada tem sua origem nas fotos que conhecemos do Codificador. Em todas aparece de fisionomia drcunspeta, o que passa a falsa ideia de que era desprovido de bom humor.

É que nos primórdios da fotografia, no século XIX, aparecer sorrindo em retratos não pegava bem. Por outro lado, os rudimentares flashes de magnésio para clarear o ambiente produziam uma explosão

sempre assustadora para os fotografados, inibindo a descontração.

Diz Henri Sausse (1851-1928), contemporâneo e biógrafo de Kardec:

Erraria quem acreditasse que, em virtude dos seus trabalhos, Allan Kardec devia ser uma personagem fria e austera. Nada disso!

Era um homem expansivo, sempre disposto a distrair e alegrar os amigos que frequentemente convidam para refeições em sua residência.

Gostava de rir, um belo riso, franco e comunicativo, e possuía um talento todo particular em fazer os outros partilharem do seu bom humor.

Espíritos que se destacam nos campo do Bem e da Verdade, bem à nossa frente no exercício de viver, demonstram claramente que *tristeza não paga dívidas*.

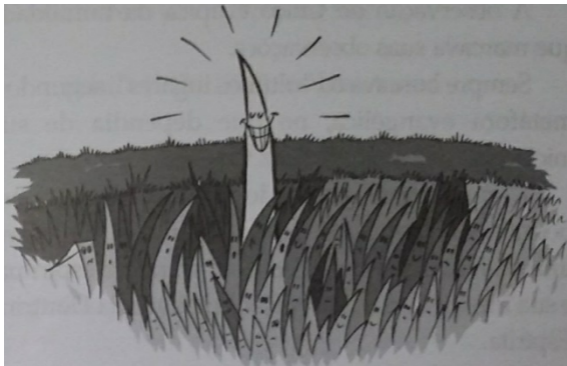
Os sofrimentos maiores que enfrentamos não decorrem das atribulações da existência, mas do fato de não sabermos encará-los com bom ânimo e, mais que isso, com bom humor.

Afinal, a vida é um espelho em que nos miramos.

Se sorrirmos para ela, não deixará de sorrir para nós.

Se lhe fizermos cara feia, certamente não vai gostar.

O sucessor



Alguém perguntou:

- Chico Xavier já tem um sucessor?

E Chico, bem-humorado:

- Não. Seria como perguntar ao capim se ele tem sucessor.

Capim é assim mesmo; morre um, nasce outro. Este é o meu caso. Considero-me abaixo do capim, pois este pelo menos

serve ao boi, enquanto eu ainda nem fui para o silo, onde, então, vou servir mais.

A observação de Chico é típica da humildade que marcava suas observações.

Sempre buscava os "últimos lugares", segundo a metáfora evangélica, no que dependia de sua iniciativa.

E era sempre guindado aos "primeiros", em posições de destaque, no que contava com uma unanimidade que reconhecia sua grandeza espiritual e sua inestimável contribuição em favor da Doutrina Espírita.

Não obstante, o médium reporta-se a uma realidade, quando responde 1 indagação sobre possível sucessor.

Cada ser humano é uma personalidade ímpar, nas suas características, na sua maneira de ser, no seu trabalho.

As grandes missões encerram-se com o retomo do missionário à espiritualidade.

Isso ocorre em todos os setores da atividade humana.

- Beethoven (1770-1827), na música.
| Francisco de Assis (1181-1226), na religião.
- Tolstoi (1828-1910), na literatura.
- Sócrates (470-399 a.G), na filosofia,
- Hipócrates (460-377 a.C.), na medicina.
- Chaplin (1889-1977), no cinema.

Todos tiveram *herdeiros e continuadores*, nunca sucessores.

Esses dois enfoques merecem nossa apreciação, quando analisamos a obra missionária de Chico Xavier.¹
melhor a Doutrina Espírita, bem como as realidades além-túmulo.

Kardec desvenda o mundo espiritual.

Quco o traz para o nosso cotidiano.

Proclama Kardec em *Obras Póstumas*:

É preciso que a vida futura não deixe no espírito nem dúvida, nem incerteza.; que seja tão positiva quanto a vida presente, que é a sua continuação, do mesmo modo que o amanhã é a continuação do dia anterior. É necessário seja vista, compreendida e, por assim dizer, tocada com o dedo. Faz-se mister, enfim, que seja evidente a solidariedade entre o passado, o presente e o futuro, através das diversas existências.

E exatamente o que Chico nos proporciona: *tocar o mundo espiritual com a ponta do dedo.*

Somente as mentes impermeáveis, intoxicadas pela falsa cultura ou dominadas pelo fanatismo preconceituoso não sentem a realidade espiritual admiravelmente desdobrada por André Luiz, em sua obra magistral, que será objeto de estudos nas academias do futuro.

• *Continuadores*

É mais complicado. Exige que superemos a indiferença e o acomodamento e ponhamos esse conhecimento a render dividendos para a Vida Eterna, com empenho em favor do Bem e da Verdade.

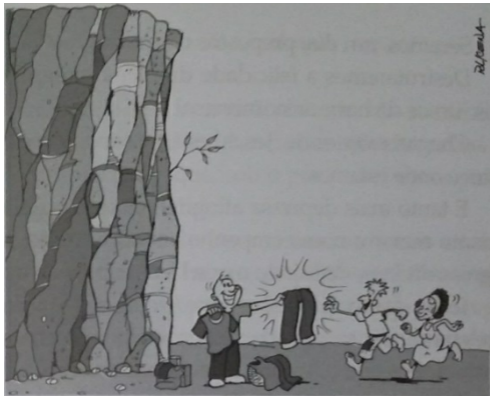
A obra de Chico é aquele tesouro da expressão evangélica, oferecido a muitos, mas a sua posse exige desprendimento dos interesses efêmeros em favor da vivência dos **princípios** espíritas ali explicados com extraordinária clareza e profundidade.

É algo, prezado leitor, a que não podemos nos furtar, partindo da afirmação evangélica de que *muito será pedido àquele a quem muito se ofereceu (Lucas, 12:48).* '1

Chico nos deu muito, não apenas uma complementação, mas, também, um desdobramento da Codificação, e creio que a melhor homenagem que lhe podemos prestar é o empenho por seguir seus

passos nos caminhos de Jesus e de Kardec.

Conquistar a vida



Comentando a vivência evangélica, diz Chico:

- Jesus não pediu muita coisa, não exigiu que as pessoas escalassem o Everest ou fizessem grandes sacrifícios. Só pediu que nos amássemos uns aos outros.

Não é preciso grande esforço de raciocínio, à luz da Doutrina Espírita, para constatar que estamos na Terra para desdobrar experiências em favor de nossa evolução.

Nosso destino é a perfeição.

Seremos, um dia, prepostos de Deus.

Desfrutaremos a felicidade da plena integração nos ritmos da harmonia universal.

Chegaremos onde Jesus está, assim como ele esteve onde estamos.

E tanto mais depressa atingiremos esse objetivo quanto maior o nosso empenho em cumprir os desígnios divinos, definindo o que Deus espera de nós.

Jesus foi o professor que veio nos ajudar, acelerando nossa jornada. Sua contribuição maior ensinou-nos que o Amor é a Lei Suprema.

Amor que emana de Deus, a estender-se por todo o Universo.

Estaremos harmonizados com a Criação quando formos capazes de amar em plenitude. As dificuldades nesse particular não se exprimem em deficiência, mas em displicência.

Nossos interesses giram em tomo do egoísmo, a exacerbada preocupação com o próprio bem-estar, a gerar os males que nos afligem.

A Doutrina Espírita nos oferece o caminho para superar o egoísmo, a partir da máxima de Allan Kardec:

Entenda-se a expressão *salvação* não no sentido escatológico, de consequência das ações humanas na vida espiritual já que, sob o ponto de vista espírita, ninguém está perdido.

Somos filhos de Deus e permanecemos sob sua égide. Uma só alma que se perdesse e Deus teria falhado em seus objetivos. Por mais longe nos levem nossos desatinos, ainda assim permaneceremos nos domínios de Deus.

O termo *salvação* significa que nunca estaremos bem, enquanto não nos ajustarmos às leis divinas, dentre as quais se destaca justamente a lei maior, o Amor.

Para exercitá-la, é imprescindível um desprendimento total de nós mesmos para uma comunhão total com Deus, a meta suprema de nossas

almas.

A caridade é o caminho.

À medida que, para sermos caridosos somos obrigados a combater o egoísmo, começamos a caminhar.

Hoje a passos lentos, vacilantes, empolgados tão somente pelo desejo de construir um futuro melhor.

Amanhã, a passos largos e fáceis, à medida que, pelo exercido da caridade, atingirmos os domínios do Amor.

Estaremos exercitando a caridade sempre que empenhados em fazer algo pelo próximo, seja o que está mais perto de nós, debaixo do mesmo teto, seja o que enfrenta penosas privações, na periferia.

Há que se considerar, como ensina Chico, que é infinitamente mais fácil transpor as montanhas da indiferença para exercitar o amor ao próximo a partir da caridade, do que conquistar o Everest.

Em busca de efêmeras glórias mundanas, arrojados e impetuosos alpinistas morreram na vã tentativa de chegar ao topo do gigante do Himalaia.

Melhor conquistar a Vida buscando nossos irmãos nos socavões do infortúnio, aquela vida abençoada da expressão evangélica, que vibra em nossas veias quando nosso cérebro povoa-se de ideais e nossas mãos movimentam-se nos serviços do Bem.

Dar de graça

Um grupo de senhoras ofereceu a Chico maravilhoso tapete.

- Trouxemos este tapete que tecemos para você com muito carinho.
- Minhas irmãs, nem sei como agradecer-lhes tamanha generosidade. É meu mesmo? Posso guardá-lo?
- Claro. E, por favor, não dê para ninguém. É seu...
- Obrigado, queridas irmãs. Agora eu gostaria que as senhoras fizessem um grande favor, de imenso valor.
- Diga, Chico: Faremos o que desejar.
- E o seguinte: fiquem com este tapete, guardando-o em sua casa, para mim...

Proverbial o desprendimento de Chico, que sempre transferia para instituições ou necessitados os presentes que recebia.

Aqui, com um detalhe sugestivo:

Atendendo à recomendação das visitantes, que o impedia de dispor do presente, fez delas as depositárias.

Outro episódio ilustrativo envolve bem mais valioso, um automóvel novo, zero-quilômetro.

No momento em que Chico o recebeu, chegava um comerciante.

Imediatamente entregou-lhe o carro, pedindo que o pagasse em macarrão para ser distribuído aos carentes. ²

Considerado, para fins editoriais, o autor dos quatrocentos e doze livros que psicografou, Chico estaria milionário se cobrasse por eles.

Nunca reivindicou um tostão.

Doava os direitos autorais a instituições espíritas, ressaltando, humilde, que era mero intermediário dos verdadeiros autores, os Espíritos desencarnados.

Se Chico guardasse apenas os presentes que lhe ofereciam seria o suficiente para deixar valioso patrimônio, o que não aconteceu porque, sistematicamente, até propriedades encaminhava a instituições beneficentes e pessoas carentes.

Seguia rigorosamente a recomendação de Jesus (*Mateus, 10:8*):

Dai de graça o que de graça recebestes.

E também a orientação de Kardec, expressa em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XXVI:

Quem, pois, deseje comunicações sérias deve, antes de tudo, pedi-las seriamente e, em seguida, inteirar-se da natureza das simpatias do médium com os seres do mundo espiritual.

Ora, a primeira condição para se granjear a benevolência dos bons Espíritos é a humildade, o devotamento, a abnegação, o mais absoluto desinteresse moral e material.

Infelizmente essas recomendações nem sempre são observadas, principalmente quando dizem respeito aos médiuns de cura, que desenvolvem atividades em favor da saúde humana, mas à distância do estudo e da reflexão sobre suas responsabilidades.

Atraem multidões, sempre dispostas a algo oferecer em dinheiro ou espécie aos seus benfeitores. A tentação é grande.

Médiuns dotados de apreciáveis faculdades põem a perder seu trabalho, por se renderem ao desejo de recompensas da Terra, esquecidos de seus compromissos com o Céu.

Vivendo existência simples, sem luxos e facilidades, Chico foi um

exemplo marcante para os médiuns dispostos a cumprir a sagrada tarefa, atento à recomendação de Kardec, no capítulo citado:

Procure, pois, aquele que carece do que viver, recursos em qualquer parte, menos na mediunidade; não lhe consagre, se assim for preciso, senão o tempo de que materialmente possa dispor.

Os Espíritos lhe levarão em conta o devotamento e os sacrifícios, ao passo que se afastam dos que esperam fazer deles uma escada por onde subam.

A condição primeira

O primeiro encontro com Emmanuel haveria de marcar para sempre a existência de Chico, a partir de uma recomendação do mentor, quanto ao mais importante no exercido da faculdade mediúnica.

Jovem, ainda, vinte e um anos, ouviu dele a informação de que havia uma tarefa que ambos deveriam cumprir, na promoção do livro espírita.

Inexperiente, o médium informou, emocionado, que estaria disposto, se os bons Espíritos não o abandonassem.

- Você não será desamparado, desde que trabalhe, estude e se esforce no Bem.
- O senhor acha que estou em condições de aceitar o compromisso?
- Sim, mas é preciso que respeite as três condições básicas.

| A primeira?

-Disciplina.

IA segunda?

-Disciplina.

- A terceira?

-Disciplina.

Na bem-humorada tríplice afirmação, Emmanuel deixa bem claro que o fundamental para o exercício da mediunidade é a *obediência às regras*.

Um confrade comentou que estava participando de um *curso para otimização do tempo*.

Fiquei admirado.

- É necessário um curso?
- Sim, a gente vai aprender como não perder tempo.

Evocando primeiro encontro de Chico com Emmanuel, comentei:

- Eu resumiria o curso todo numa única aula, mais exatamente, numa única palavra: disciplina.

Em qualquer setor de atividade humana, desde as tarefas mais triviais, o êxito está diretamente subordinado ao empenho de cumprir as normas.

- A dona-de-casa que faz um bolo, sem atentar às medidas exatas e ao procedimento correto, não vai se dar bem.
- O motorista que não respeita as normas de trânsito candidata-se a multas ou acidentes.
- O viajante que não checa as condições de seu veículo poderá ficar na estrada.
- O aluno que não observa horários para as tarefas e o estudo, fora da sala de aula, dificilmente ultrapassará os limites da mediocridade.³

Tudo isso envolve disciplina.

Fico imaginando como Chico poderia ter produzido a montanha de livros que o notabilizou, sem horários definidos para o exercício da psicografia, que cumpria religiosamente.

O sucesso de qualquer médium ou agrupamento mediúnico depende do empenho por observar as disciplinas do serviço.

Destacam-se:

! Assiduidade.

- Pontualidade.
- Estudo.

- Perseverança.

São indispensáveis, particularmente para vencer a pressão de Espíritos que se infiltram entre os participantes, procurando comprometer o trabalho.

56 • Richard Simonetti

Exploram sempre a tendência à indisciplina, sugerindo-lhes, pelos condutos do pensamento, um afrouxamento:

- Por que ir hoje ao Centro?

A chuva e o frio pedem o aconchego do lar.

- Há aquele capítulo especial da novela.

Pequeno atraso não terá importância. Perderá apenas a parte teórica.

- Estudar para quê?

Você já sabe tudo!

- O dia foi cheio de contratempos.

É justo que tire uma folga para descansar.

- Não vale a pena continuar!

Que proveito tirar daquelas manifestações repetitivas, dos sofredores do Além?

O sucesso ou insucesso em qualquer atividade, particularmente no intercâmbio com o Além, condi- dona-se à nossa visão da disciplina.

Se a consideramos um fardo pesado, teremos dificuldades.

Felizes aqueles que, como Chico, a elegem por parte integrante de suas vidas.

Estes obtêm sucesso.

Melhor: cumprem os compromissos que assumiram ao receber a honrosa tarefa de intermediar os contatos do Céu com a Terra.

Sentar em cima



O confrade comentou com Chico que frequentava um Centro Espírita onde não havia reuniões mediúnicas. E acentuava:

- Nem parece uma casa espírita...

Chico perguntou:

- O que fazem?

- Trabalham bastante. Têm casa de sopa, evangelização infantil, farmácia, laboratório, creche, confecção de roupas etc. Mas estranho essa falta de contato com o mundo espiritual.

Diz Chico:

- Estão como o usuário que acumulou um saco de ouro e sentou em cima.

Todas as religiões são espiritualistas.

Admitem a existência e sobrevivência da alma humana.

O problema é que são especulativas quanto ao principal: a vida além-túmulo. Usam a imaginação, concebendo fantasias que ferem a lógica, o bom senso e a justiça, principalmente em relação ao futuro das

almas.

Estabelecem os teólogos dois destinos totalmente distintos: prêmio ou castigo para as ações humanas.⁴

- Inferno.

Tormentos eternos, contrapondo-se ao mais elementar princípio de justiça, segundo o qual a extensão da pena não pode ultrapassar a natureza do crime.

De permeio, as fantasias sobre o demônio, anjo rebelado que se diverte em conduzir as almas à perdição, explorando as fraquezas humanas.

Situam-se os teólogos à maneira de alguém que, pretendendo escrever sobre a vida na Inglaterra, ponha-se a fantasiar como vive a sua população. Melhor faria se entrevistasse alguns ingleses.

É exatamente o que o Espiritismo faz.

Entra em contato com os Espíritos e nos mostra uma clara e objetiva visão do que é o Mundo Espiritual e das leis de evolução que nos regem, como a Reencamação, a Lei de Causa e Efeito, a Sintonia Mediúnica...

A par dessas maravilhosas revelações, a prática mediúnica oferece outros benefícios, destacando-se:⁵

está na reunião mediúnica. Espíritos que eventualmente nos perturbem podem ser doutrinados, esclarecidos e afastados.

- Oportunidade de praticar a caridade.

Há multidões de Espíritos atormentados e infelizes, inconscientes de sua situação, que podem se revitalizar e despertar no contato com o ambiente mediúnico, habilitando-se a serem amparados e encaminhados.

- A visão do que nos espera no Mundo Espiritual.

Espíritos sofredores, que colhem as consequências de suas ações desajustadas na vida física, são espelhos para nós, mostrando-nos o que pode nos acontecer, se não tomarmos cuidado com o que pensamos e fazemos.

Infelizmente surgem, na atualidade, grupos espíritas que estão jogando fora a bênção do contato mediúnico, proclamando que o tempo do fenômeno passou, que agora é divulgar a doutrina e aplicá-la na vida social.

Pretendem fazer um *Espiritismo sem os Espíritos*, cometendo engano semelhante aos cristãos da Idade Média, que se distanciaram do Cristo a partir da supressão das orientações mediúnicas do *Espírito Santo*, comunidade de mentores espirituais que orientavam o movimento.

Como lembra Chico, temos um som *de ouro* à nossa disposição, que é o aspecto sagrado do Espiritismo, essa porta que se abre ao contato com o Além, e nos sentamos em cima.

Esquecemos que Allan Kardec situou como um dos pilares da revelação espírita o fenômeno mediúnico, dando-se ao trabalho de incentivar o intercâmbio com o Além a partir de uma obra monumental: *O Livro dos Médiuns*.

Antes de ser um compêndio para pesquisadores, é inestimável manual para os iniciantes, que devem ser estimulados e preparados para o indispensável intercâmbio.

Caso contrário, como diz sabiamente Chico, permaneceremos sentados em cima de um tesouro, do qual teremos que prestar contas se não o fizermos produzir, como aconteceu com o servo inútil da parábola dos talentos.

Começo humilde



O confrade comunicou, eufórico, que um Centro Espírita, na cidade onde morava, seria inaugurado em determinada data.

Chico perguntou:

- E a sopa?

- Sopa?.. ?

- Sim. Emmanuel está dizendo que quando inauguramos um Centro Espírita ao meio-dia, a sopa deve começar às duas da tarde.

A Casa Espírita é, sem dúvida, abençoada escola onde aprendemos a viver, conscientes de que a lei maior do Universo, essência da grandeza divina, é o Amor.

A caridade é o amor em ação, disposto a servir, a algo fazer em benefício do bem comum.

Como sabemos, o melhor ensino é o exemplo.

Um aprendiz de pedreiro aprenderá muito mais facilmente a preparar a massa e assentar tijolos numa simples aula prática, dispensando horas de teoria.

As pessoas logo assimilam o que é servir nas lides da caridade a partir de atividades dessa natureza, desenvolvidas em núcleos espíritas.

O Centro Espírita pode ser, num primeiro momento, um hospital. As pessoas comparecem em busca de cura para males do corpo e da alma.

Depois é a escola generosa. Nele recebemos respostas aos porquês da jornada humana e informações sobre as leis divinas que nos regem

Finalmente, é abençoada oficina de trabalho. É quando colocamos em prática os ensinamentos recebidos, exercitando a caridade, no empenho de servir.⁶

Digamos que você, prezado leitor, disponha-se a algo fazer em benefício do próximo, isoladamente.

- Confortarei enfermos, no hospital.
- Ajudarei famílias carentes, na periferia.
- Visitarei sentenciados, na penitenciária.
- Atenderei o necessitado que me procura.

São belos projetos que podem enriquecer a existência, mas tendentes a cair no vazio.

Se integrados numa instituição, será diferente.

Teremos valiosa *emulação*, estimulante identidade de propósitos.

Unidos somos mais fortes, mais capazes de enfrentar dificuldades e resistências, mais produtivos, e, sobretudo, perseverantes.

Chico, em inúmeras oportunidades, fazia referência à instituição de casas de sopa para atender comunidades carentes, ao lado do Centro Espírita, o

que, aparentemente, contraria o conceito de que distribuir alimento não resolve o problema da pobreza.

Não adianta dar o peixe.

O importante é ensinar a pescar.

E vem o velho ditado:

Nenhuma pessoa de bom senso negaria a justeza dessa afirmativa, muito menos Chico que, à semelhança de Kardec, era o bom senso encarnado.

Mas há um *probleminha*, prezado leitor.

Você já experimentou participar de uma aula com fome?

Estômago vazio, cérebro refratário.

Primeiro o pão, depois a lição.

Detalhe significativo: a casa de sopa é a semente da escola.

Falo com conhecimento de causa.

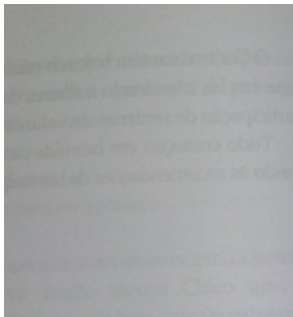
Em Bauru, na década de sessenta, no século passado, o Centro Espírita Amor e Caridade, o CEAC, começou a instalar casas de sopa, atendendo à fome da periferia.

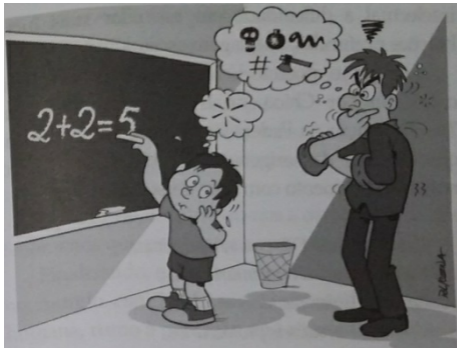
Aos poucos se converteram em núcleos de assistência familiar e escolas profissionalizantes, que *dão o peixe e ensinam a pescar*.

O Centro mantém hoje seis núcleos de periferia e uma creche, atendendo milhares de pessoas, com a participação de centenas de voluntários.

Tudo começou em humilde casa de sopa, atendendo às recomendações de nosso querido Chico.

Impressora do além





Chico comentava sobre as mensagens que recebia do poeta Augusto dos Anjos (1884/1914).

- Ele recitou um poema para facilitar-me a psicografia. E perguntou:
- Entendeu?
- Não! Achei bonito, mas não compreendi
- Então eu volto outra vez, você é burro mesmo! Quem conhece a poesia de Augusto dos Anjos sabe que não é nenhum atestado de indigência

intelectual a dificuldade em assimilar suas lucubrações profundas, linguagem escatológica.

Lembro o poema *Vozes de uma sombra*, psicografado por Chico, no livro *Parnaso de Além- Túmulo*, edição da Federação Espírita Brasileira, em que ele trata das origens do Homem, desafiando nosso entendimento com seus versos decassílabos:

Donde venho?

Das eras remotíssimas,

Das substâncias dementaríssimas,

Emergindo das cósmicas matérias.

Venho dos invisíveis protozoários,

Da confusão dos seres embrionários,

Das cãulas primevas, das bactérias.

Venho da fonte eterna das origens,

No turbilhão de todas as vertigens,

Em mu transmutações, fundas e enormes;

Do silêno da manada invisível,

Do tetro e fundo abismo, negro e horrível,

Vitalizando corpos multiformes.

Sei que evolvi e sei que sou oriundo

Do trabalho telúrico do mundo.

Sofri, desde os intensas

Das lam microscópicas e rudes,

k infinita desgraça à ser homem.

E por aí vai, mostrando-nos a complexidade dos fenômenos que produzem e sustentam a vida.

Finalizando, exalta a continuidade da existência, no mundo espiritual, que se sobrepõe à negação humana, rumo à perfeição e à comunhão com Deus.

*E apesar da teoria mais abstrusa
Dessa ciência inicial, confusa,
A que se entregam míseros ateus,
Caminharás lutando além da cova,
Para a Vida que eterna se renova,
Buscando as perfeições do Amor em Deus.*

Interessante enfatizar, amigo leitor, que o fato de Chico, um jovem de poucas letras, nascido e criado em vilarejo no interior de Minas Gerais, não entender aquela cachoeira de frases complexas e densas do poeta paraibano, atesta a sua extraordinária capacidade medi única.

Sabemos que o médium não é um telefone. Ele capta o fluxo mental do Espírito e o verbaliza de conformidade com seus próprios recursos.

Assim, fica complicado ao manifestante oferecer algo que transcenda as disponibilidades culturais e intelectuais do instrumento mediúnico.

Um médico desencarnado, por exemplo, que queira produzir uma receita em benefício de um doente, terá dificuldade se o médium não estiver familiarizado com a farmacopeia.

Exatamente por isso, e para evitar problemas com o chamado *exercício ilegal de medicina*, os médicos do Além preferem produzir receituário mais simples, calcado em chás e ervas.

Chico, com sua incrível psicografia mecânica, situava-se como uma impressora do Além, sem que suas limitações intelectuais impedissem um Espírito como Augusto dos Anjos de identificar-se com poesias marcantes e personalíssimas.

Detalhe importante: a morte não oferece um banho lustrai, corrigindo de pronto nossas limitações e fraquezas.

O Espírito situa-se, além-túmulo, com seu jeito, sua maneira de ser. Conserva sua humanidade, nem sempre superando de pronto características indesejáveis, como a impaciência.

Nada estranhável, portanto, que Augusto dos Anjos tivesse aquela reação, ante a dificuldade de Chico em entender sua mensagem.

Imagino os mentores espirituais, que sempre procuram, pelos condutos da intuição, ajudar-nos a superar problemas e tendências inferiores. Anjos não são ou estariam assessorando luminares do Bem e da Verdade.

Assim, ao observarem nossa dificuldade em entender suas orientações e conter impulsos inferiores, provavelmente não de exclamar, em irreprimível desabafo:

- Tu és burro mesmo!

Bom demais!



Diz a senhora:

- Chico, meu marido é uma dádiva. Bom em todos os sentidos, como pai, filho, irmão, companheiro, patrão...
- Beleza, minha irmã!...
- Mas tem um grave defeito: não é espírita.
E o médium:
- Se ele é tudo isso, não precisa ser espírita.
E, a sorrir.
- Tá bom demais!

A observação bem-humorada de Chico é, como sempre, pertinente.

Comentando sobre a missão da Doutrina Espírita, diz o Espírito Fênelon, em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo I:

A revolução que se apresta é antes moral do que material.

Os grandes Espíritos, mensageiros divinos, sopram a fé, para que todos vós, obreiros esclarecidos e ardorosos, façais ouvir a vossa voz humilde, porquanto sois o grão de areia; mas, sem grãos de areia, não existiriam as montanhas.

'Assim, pois, que estas palavras - "Somos pequenos" -1 careçam para vós de significação.

A cada um a sua missão, a cada um o seu trabalho. Não constrói a formiga o edifício de sua república e . imperceptíveis animálculos não devam continentes?

A Doutrina dos Espíritos está no Mundo para nos conscientizar de nossas responsabilidades, convocando-nos a combater imperfeições e mazelas, buscando aquele *Homem Novo*, a que se refere o apóstolo Paulo, o Homem Cristão.

Para tanto, oferece esclarecimentos fundamentais, destacando-se:

- A Terra é um Mundo de Provas e Expições, habitada por Espíritos imperfeitos, cuja principal característica é o egoísmo, elemento gerador de todos os males humanos.
- Problemas, dores, dificuldades, dissabores, fazem parte do processo de nosso reajuste às Leis Divinas, que infringimos com os desvios do passado próximo, na existência atual, ou remoto, em existências anteriores.
- O Evangelho é a bússola sagrada, o grande roteiro de renovação, facultando-nos uma jornada produtiva e equilibrada pelas lides humanas, sem novos desvios.

Nada disso é novidade.

Se atentarmos à essência das grandes religiões, particularmente do Cristianismo, perceberemos que o apelo é sempre o da renovação e do esforço no Bem.

Jesus ensinou de forma bem clara tudo isso, usando sempre a maravilhosa didática do exemplo.

O que faz a diferença no Espiritismo é o apelo à razão, a partir do contato com os Espíritos, no intercâmbio com o Além.

Somos alertados, de forma clara e incisiva, quanto às nossas responsabilidades, a partir do conhecimento das realidades espirituais e dos objetivos da jornada humana.

Não obstante, mais importante que o conhecer é o vivenciar.

Há pessoas sensatas e generosas, Espíritos mais amadurecidos, que, espontaneamente, cumprem todos esses princípios, ainda que vinculados a outra religião ou sem professar religião nenhuma.

Não é preciso ser espírita para observar os valores do Bem e da Verdade. E quando chegar a nossa hora, quando retomarmos ao Mundo Espiritual, a religião que é uma bênção aqui será o nosso repto lá.

Inelutavelmente seremos questionados quanto

ao que fizemos dos princípios sagrados que nos foram confiados.

Por isso jamais, como espíritas, teremos o direito de discriminar ou nos julgarmos superiores a alguém que não professe a nossa crença.

Oportuno lembrar que todos temos, em nosso círculo de relações, no lar ou fora dele, pessoas abençoadas que, embora não conheçam o Espiritismo, inspiram-nos a dizer, quanto ao seu comportamentos

- Tá bom demais!

O melhor investimento



Era um empresário bem de vida, rico, poderoso, dono de muitas propriedades e negócios, mas... infeliz. Não se sentia realizado. Algo lhe faltava. Não conseguia definir...

Procurou Chico. Explicou-lhe o problema.

- Pode me ajudar?

O médium não se fez de rogado.

- Falta-lhe a alegria dos outros.

Com o espírito de síntese que caracteriza a sabedoria autêntica, Chico definiu a origem de nossos estados de ânimo, ao situar nossa alma como um espelho a refletir o que fazemos ao próximo.

O prezado leitor certamente já passou pela experiência de ajudar alguém desinteressadamente - um pobre faminto, um familiar carente, um colega de serviço atribulado, um doente desamparado...

Talvez não tenha percebido, mas, como reflexo de sua ação, você experimentou momentos indefiníveis de bem-estar e alegria, a espelhar os benefícios prestados.

Estamos submetidos a um mecanismo de causa e efeito que sempre nos oferece, nos domínios da emoção, um retomo relacionado com nossas iniciativas.

O mal que praticamos fatalmente volta para nós na forma de desajustes e angústias.

O bem que exercitamos resulta em chuva de bênçãos sobre nossa alma.

Talvez aquele empresário não fosse má pessoa...

Talvez não lesasse ninguém...

Talvez não traísse a esposa...

Talvez não cultivasse a mentira...

Talvez não falasse mal da vida alheia...

Todavia, amigo leitor, isso não é suficiente.

Na dinâmica da Vida não há neutralidade.

Se não estamos praticando o Bem, sustentamos o vazio onde se expande o mal.

Por isso, Jesus recomendava o exercido da misericórdia, do perdão, da compaixão, o *pensar no outro*, superando o egoísmo, para que o Bem preencha todos os espaços de nossa alma e transborde em bênçãos de paz ao redor de nossos passos.

Francisco de Assis, o grande missionário do Cristo, entendeu bem a mensagem, dedicando sua existência ao empenho de servir, tendo por base sua famosa oração, em que destaca:

E dando que se recebe.

Muitos vêm em Jesus uma perene má vontade para com os ricos, atentos às suas expressões como aquela que está em Mateus, 19:24:

... é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus.

Obviamente o rico não está condenado à perdição eterna, mesmo porque isso apenas exprimiria uma incompetência de Deus, incapaz de evitar que um filho se perdesse.

Nem situa Jesus a riqueza como instrumento de perdição, já que o dinheiro é sempre neutro. Depende do uso. Com ele podemos comprar o pão para o faminto ou explosivos para o terrorista.

O problema da riqueza é que envolve de tal forma o indivíduo que deixa de ser, para ele, parte da existência e toma-se o objetivo dela.

Ele deixa de ser senhor e toma-se escravo do dinheiro, resvalando para a ambição, sem espaço para iniciativas mais nobres como o exercício da solidariedade.

Assim, o homem pode ser rico de dinheiro e pobre de felicidade, como acontecia com aquele empresário que procurou Chico.

Falta a todos nós algo que sobrava em Jesus, Francisco de Assis, Chico Xavier e todos aqueles que se doaram em favor da Humanidade.

Falta amor, a chave mágica que derruba as barreiras do egoísmo para que exercitemos desprendimento, dedicação e sacrifício em favor do próximo.

Muitos falam em carência de amor, reclamando a omissão de familiares e amigos ou a ausência de sonhado afeto.

Mas, imperioso considerar

Não é o amor que nos negam que nos afeta.

O que nos afeta é o amor que não oferecemos.

Só este amor nos realiza como filhos de Deus.

Só este amor tem o poder mágico de crescer em nós e inundar o nosso coração de bênçãos quando o oferecemos ao próximo, como aqueles pães e peixes que surgiam milagrosamente no cesto, à medida que os discípulos de Jesus os distribuíam à multidão faminta, na célebre passagem evangélica.

É o que enfatiza primoroso texto, cujo autor desconheço:

Gaste o amor a mãos cheias!

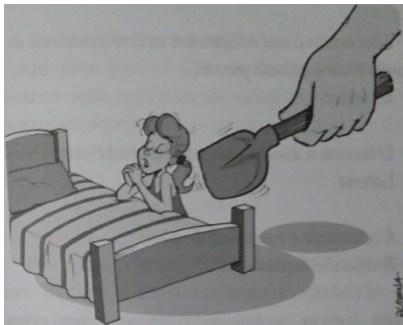
O amor é o único tesouro que se multiplica por divisão.

É o único dom que aumenta quanto mais você tirar.

É a única empresa na qual, quanto nuns se gasta, mais se ganha.

*Doe-o, difunda-o.
Espalhe-o aos quatro ventos,
Esvazie seus bolsos,
Sacuda o cesto,
Emborque o copo,
E amanhã você terá
Mais do que antes.*

Pá para você



Observando pessoas no Centro Espírita, a procura de lenitivo para seus males, Chico comentava:

- Muitos desses nossos irmãos não precisam de tento passe. Precisam mesmo de uma pá.

Traduzindo: precisam de serviço, algo para ocupar o tempo de forma produtiva.

Há algumas observações interessantes sobre a ociosidade:

A ociosidade é como a ferrugem, gasta mais do que o trabalho: - a chave de que nos servimos está sempre limpa.

Benjamin Franklin

Um ocioso é um relógio sem os dois ponteiros, inútil quando anda e quando parado.

Cowper

O homem ocioso é como água estagnada - corrompe-se.

Latena

A ociosidade é o anzol do demônio.

Tomás de Aquino

Um homem perfeitamente ocioso é um pecado ambulante.

Colecchi

Há um consenso, como vemos, em tomo da necessidade de nos mantermos ativos, superando a tendência à indolência que caracteriza o ser humano.

Note, amigo leitor, que essa maneira de ser é tão arraigada no espírito humano que os teólogos da Idade Média consideravam o Céu um local de béatidade, onde as almas se desvaneceriam na contemplação do Criador, em absoluto repouso.

Daí falar-se diante da morte de pessoas que enfrentaram atribulações ou tiveram doença de longo curso.

- Finalmente descansou!

Ah! Esse terrível Céu de beatidão vazia, de descanso sem remissão, de ociosidade perene, de monótonos arpejos!...

Está muito mais para inferno!

Bem, amigo leitor, se você está consciente de que deve manter-se ativo, evitando a ociosidade, deve conhecer o que nos diz Sócrates:

Não é ocioso apenas o que nada faz, mas é ocioso quem poderia empregar melhor o seu tempo.

Exemplo ilustrativo: o lazer ocioso.

Multidões elegem o fim de semana para viajar, ir à praia, ao cinema, ao shopping, ao futebol...

Nada disso é mau em princípio - um esparecimento, diria o leitor, indispensável ao nosso bem-estar.

Concordo com você.

Mas, se reconhecermos que não estamos em estação de férias na Terra, e sim para evoluir, tudo o que não represente empenho de aprendizado e exercício do Bem, com exceção das atividades relacionadas com a subsistência, será, em última instância, mera perda de tempo.

E, não raro, ensejo à perturbação. Comprometimentos morais, desvios de comportamento, vícios, adultério chegam sempre pela porta do lazer ocioso.

Quando Chico lembra a pá, não se refere apenas ao trabalho pela subsistência, envolvendo profissão, cuidados do lar...

Há que se considerar esforço do Bem, substituindo lazeres no mínimo inconsequentes por iniciativas que nos enriqueçam espiritualmente, valorizando o tempo que Deus nos concede para as experiências humanas.

Há lazeres maravilhosos: visitar enfermos no hospital, preparar refeições para famílias carentes, distribuir cestas básicas, ler livros de

caráter edificante, participar de seminários e conferências...

São lazeres que nos colocam em sintonia com as Fontes da Vida.

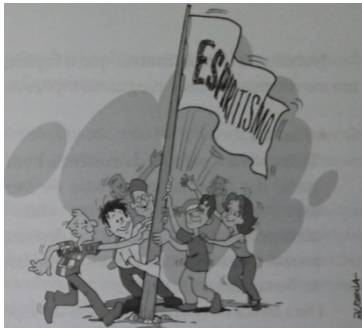
Sustentam o bom ânimo, alegram o coração e enriquecem a alma.

Por isso, se nas nossas saudações aos confrades desejamos-lhes paz, seria interessante, em favor deles, eliminar a letra z.

Assim, amigo leitor, concludo, dizendo-lhe, à maneira de Chico:

Pá pra você!

Unificação



Certa feita perguntaram a Chico:

- Então, Chico, você é o papa do Espiritismo, o chefe supremo?

E o médium, bem-humorado:

- Só se for papa de angu na panela.

Quem fez a pergunta não tem noção de que a Doutrina Espírita não se institucionalizou.

Não é uma instituição com mandante supremo e uma hierarquia com vários níveis de comando.

Nunca será demais lembrar que o Espiritismo é um movimento de ideias que guarda tríplice aspecto:

- Filosofia

Responde aos porquês da existência humana, a partir das informações colhidas de mentores espirituais que possuem uma visão mais abrangente e realista sobre os destinos humanos. Dizem de onde viemos, o que fazemos na Terra, para onde vamos.

Obra básica de referência: *O Livro dos Espíritos*.

- Ciência

Dá consistência à filosofia espírita, evidenciando a existência do fenômeno mediúnico, que permite o intercâmbio com o Além.

Obra básica de referência: *O Livro dos Médiuns*. •

Obra básica de referência: *O Evangelho segundo o Espiritismo*. •

Nesse contexto, não há um chefe, com poder de decidir os rumos da Doutrina, impor restrições ou renovações.

Temos, sim, um movimento de unificação, que congrega os Centros Espíritas nos níveis municipal, estadual e federal. Permutam-se experiências, desenvolvem-se iniciativas, programam-se eventos e atividades variadas.

Há um órgão diretivo, o Conselho Federativo Nacional, composto por federações que representam os Estados. Estas, por sua vez, congregam uniões municipais, formadas pelos Centros Espíritas.

O CFN tem por objetivo uma harmonização do movimento espírita, como um regente de orquestra que procura sincronizar os músicos na execução de uma partitura, a fim de que não ocorra uma fragmentação em grupos isolados, a exercitarem um Espiritismo *à moda da casa*, desfigurando-o.

Seus membros não são profissionais da religião.

Participam voluntariamente, sem remuneração, escolhidos por

seus pares, tendo por base a competência e a dedicação.

Destaque oportuno: as autênticas lideranças espíritas estribam-se no trabalho e no empenho do Bem, confirmando a afirmativa de Jesus de que os maiores serão sempre aqueles que mais dispostos estejam a servir.

Servem, sem esperar recompensas.

Ensinam, sem dogmatizar.

Exemplificam, sem impor.

Ao leitor familiarizado com a Doutrina Espírita não são estranhos os nomes abaixo:

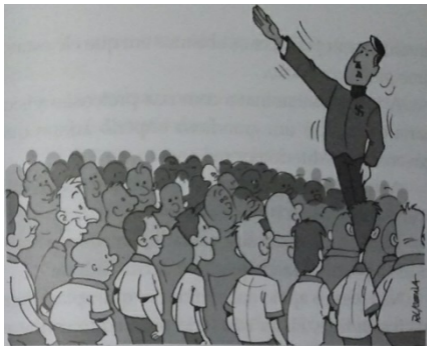
- Eurípedes Barsanulfo (1880-1918).
- Cairbar Schutel (1868-1938).
- Bezerra de Menezes (1831-1900).
- Batuíra (1839-1909).

São exemplos típicos de lideranças conquistadas por aqueles valores.

Nesse aspecto diríamos que Chico foi um dos maiores líderes espíritas, alguém cuja contribuição em favor do progresso humano foi tão marcante que, parafraseando o que disse Einstein (1879-1955), sobre Mahatma Gandhi (1869-1948), diríamos:

As gerações futuras terão dificuldade para aceitar que alguém assim, em carne e osso, tenha passado pela Terra.

Cisco



A idolatria, a admiração exagerada por alguém, velha tendência humana, é um perigo para quem a cultiva.

Costuma neutralizar a razão, induzindo exageros e desajustes variados.

Exemplo típico está no comportamento de determinados seguimentos da população alemã em relação a Adolf Hitler (1889-1946). Seus simpatizantes viam nele o líder carismático, capaz de feitos heróicos, sem perceber os abismos em que ele estava precipitando a nação.

A todos contaminava com sua pretensão visionária de edificar um grandioso império ariano que governaria o Mundo por mil anos.

A idolatria é um perigo maior para quem é objeto dela.

Tende a incensar sua vaidade, levando o indivíduo a posturas inadequadas e perturbadoras.

Não fosse o apoio das multidões que aplaudiam sua insanidade, Hitler não teria produzido estragos tão grandes, contabilizando perto de quarenta milhões de mortos na Segunda Guerra Mundial, a maior tragédia produzida pelo Homem em todos os tempos.

Os verdadeiros líderes, aqueles que realmente são importantes, os que fazem a diferença, rejeitam com veemência o rótulo de ídolos, não só por reconhecerem as próprias limitações, mas também por terem consciência dos problemas que a idolatria pode lhes acarretar.

Chico, merecidamente, era reconhecido, ainda em vida, como uma das figuras mais marcantes do século XX.

Sua contribuição em favor da paz e do progresso humano, foi inestimável.

Os livros que psicografou representam um desdobramento da Doutrina Espírita, complementando a Codificação e nos oferecendo uma gloriosa visão da vida espiritual.

O Espiritismo pode ser dividido em antes e depois de Chico.

Na série *Nosso Lar*, por ele psicografada, André Luiz nos oferece ampla e esclarecedora visão do mundo espiritual e do inter-relacionamento entre os dois planos, como jamais se viu.

Essa série portentosa de livros, que recebeu nas décadas de quarenta e cinquenta, seria suficiente para consagrá-lo como o que se convencionou chamar de *médium revelador*, por intermédio do qual desdobra-se o conhecimento espírita.

Não obstante, furtando-se aos perigos de um envolvimento com a idolatria, Chico dizia, humilde, quando aclamavam seu nome:

- *Sou cisco Xavier, apenas um cisco, na ordem das coisas.*

Numa entrevista, afirmou:

- *Considero-me, na mediunidade, um animal em serviço. Eu sou um animal a serviço dos bons Espíritos, e nunca fiz mistério disto. E todas as vezes em que me externei a respeito do assunto, nunca me vi, absolutamente, como uma pessoa privilegiada. Sou uma criatura de condição muito primitiva. Não sei como os Espíritos me suportam. Cada vez mais eu sinto a minha desvalia, porque nada tenho a dar de mim. O problema da idolatria corre por conta*

daqueles que gostam dos mitos. ;

Importante, em relação ao assunto, prezado leitor, o fato de que a postura de Chico não era "pra inglês ver", sinalizando humildade aparente.

Os que conviveram com ele são unânimes em afirmar sua absoluta simplicidade e despretensão, exercitando aquela grandeza legítima que é o reconhecimento da própria pequenez.

A postura de Chico foi um exemplo e ao mesmo tempo uma advertência quanto aos cuidados que devemos ter no exercício de atividades espíritas.

O primeiro recurso usado pelos Espíritos obsessores, quando pretendem afastar o trabalhador do serviço, é incensar sua vaidade, alimentando a pretensão de que é uma luz que brilha na constelação espírita, com contribuição marcante em favor do movimento.

Se queremos realmente produzir na Seara Espírita, é bom imitar Chico, situando-nos como um cisco diante da Doutrina.

Se não o fizermos, é bem provável que tenhamos nossa visão turvada por outro cisco, extremamente perturbador, que, invariavelmente, compromete a ação de muitos companheiros - a vaidade .

O mercador e o servidor

Reclamavam com Chico sobre os problemas de participação, no Centro Espírita. Frequentadores que assumem cargos, sem cumprir encargos.

Chico respondeu:

- Emmanuel nos diz que mais de um abnegado por instituição é luxo.

Sábria expressão.

Para entendê-la em sua amplitude é bom definir com exatidão a expressão *abnegado*.

Diz o Houaiss:

É a ação caracterizada pelo desprendimento e altruísmo, em que a superação das tendências egoísticas da personalidade é conquistada em benefício de uma pessoa, causa ou princípio.

Aí está, amigo leitor; a origem do problema de assiduidade e perseverança, nas instituições que trabalham com voluntários:

Trata-se do velho egoísmo humano.

E por pensar em si mesmo, nos benefícios que receberá, com uma ação em favor do próximo, que alguém candidata-se a servir em determinado setor. Trata-se de um comportamento mercantilista, uma espécie de *toma-lá-dá-cá* proposto a Deus.

Esse mesmo egoísmo, o pensar muito em si mesmo, faz com que se sucedam empecilhos que o inibem, dificultando o trânsito do cargo para o encargo.

Circunstâncias adversas, facilmente superáveis, envolvendo família, profissão, saúde, são super-valorizadas, produzindo inibições que comprometem o serviço.

E surgem as desculpas, principalmente em relação à falta de tempo, sem que seja levado em **consideração o velho e sábio princípio**:

Tempo é uma questão de preferência.

Sempre encontramos tempo para o que realmente desejamos fazer.

Quando o voluntário se compenetra disso, quando se dispõe a *arregaçar as mangas*, toma-se o abnegado, superando o *pensar em si* pelo *pensar nos outros*.

E o companheiro que efetuou o estágio do *mercador*, transformando-se em *servidor*.

E passa a ser pau-para-toda-obra, alguém em quem podemos confiar, conforme ensina um princípio da sabedoria popular.

Quando quiser que o trabalho seja feito, dê a alguém muito ocupado.

O servidor dedicado, o abnegado sempre consegue fazer um tanto mais, por inúmeras razões:

- Tem prática.
- Mantém azeitadas as engrenagens do serviço.
- Recebe ajuda mais ampla dos benfeitores espirituais.
 - Está afinado com o exercício do Bem.

Não obstante, há que se considerar dois aspectos, envolvendo o jeito de ser do servidor abnegado.

- Líder autocrático.

É o comandante-em-chefe. Assume múltiplas funções. Envolve-se com todos os detalhes. Decide todas as pendências. Tira a iniciativa dos companheiros e emperra o serviço.

Mais atrapalha do que ajuda.

Mais complica do que resolve.

Mais espalha do que ajunta.

- Líder democrático.

E o especialista em motivar e delegar funções, favorecendo a iniciativa.

Não se preocupa em aparecer.

Acolhe ideias dos companheiros.

Estimula-os a exercitar sua criatividade. Regozija-se com seu sucesso.

O serviço deslança, cresce em suas mãos, porque ele é apenas o motor que sustenta com sua presença, seu estímulo, o trabalho do grupo.

Importante, desejável e necessário que cultivemos a abnegação, mas cuidado, amigo leitor, com o monopólio da iniciativa, que faz o lamentável líder autocrático.

Melindres

Indagado sobre problemas de relacionamento humano, disse Chico:

Existem pessoas que se sentem ofendidas, magoadas por qualquer coisa: à mais leve contrariedade, se sentem humilhadas... Ora, nós não viemos a este mundo para nos banhar em águas de rosas... Somos Espíritos altamente endividados - dentro de nós o passado ainda fala mais alto... Não podemos ser tão susceptíveis assim...

Com a sabedoria de sempre, há todo um tratado de bem viver em suas singelas expressões.

Muitos problemas seriam evitados se as pessoas se dessem ao trabalho de cogitar dos objetivos da existência.

Não somos fruto do acaso, a partir do encontro de um óvulo com espermatozóide vencedor.

Vivíamos antes do berço.

Viveremos após o túmulo.

Transitamos pela Terra pilotando o corpo, máquina frágil que precisa ser alimentada e cuidada.

A todo momento apresenta desajustes e dores que exigem cuidados e, não raro, nos oprimem.

E convivemos com pessoas que guardam limitações semelhantes, sob a regência do egoísmo, esse vilão das almas, a sustentar as dores e confusões do Mundo.

Estimaríamos, no relacionamento humano, banhar-nos em rosas, guardando inefável tranquilidade e inalterável bem-estar.

Ocorre que isso nunca acontece em plenitude, porquanto há sempre espinhos que nos ferem a sensibilidade, impostos pela convivência com desafetos da Terra e do Além.

O problema, amigo leitor, não está na contundência dos espinhos, mas, como afirma Chico, em nossa suscetibilidade, que se exprime na facilidade em nos melindrarmos.

É como uma alergia.

Há pessoas que podem comer quilos de queijo, sem problema algum. Outras ficam com o rosto deformado pelo inchaço, ingerindo mínima porção.

O melindre é a alergia da alma.

Um mínimo de contrariedade e eis o estrago feito, promovendo transtornos em nosso ânimo.

Para vencer a alergia física há uma terapia de dessensibilização, com o suporte medicamentoso a ser aplicado com critério e perseverança.

Para vencer a alergia espiritual, que tanto nos perturba e aborrece, é preciso arejar a alma, com o exercício perseverante da humildade.

Alguém alegará:

- Como pode ser a humildade o remédio para o melindre se é justamente por sermos humilhados que nos sentimos melindrados?

Quem assim questiona está confundindo humildade com humilhação.

A humilhação é a sensação de rebaixamento, de discriminação. Julgamos que alguém nos boicotou, diminuiu ou menosprezou...

A humildade é a consciência de nossas próprias limitações, que nos induz a não nos julgarmos melhor do que ninguém.

É simples entender.

Se sou humilde, nunca me sentirei humilhado.

Se me sinto humilhado, humilde não sou.

Proclama Jesus (Lucas, 17:21):

...O Reino de Deus está dentro de vós.

Isso significa que *entrar no Reino* é realizá-lo em nossa própria consciência, em inefável tranquilidade interior.

Jesus nos indica como fazê-lo, em *O Sermão da Montanha* (Mateus, 5:3):

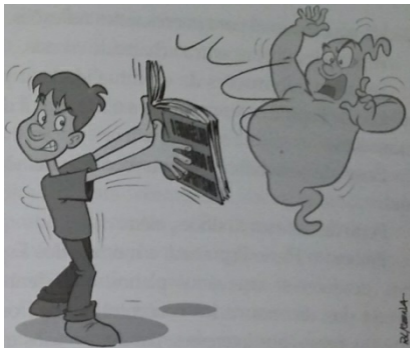
Bem-aventurados os humildes, porque deles é o Reino de Deus.

Olhe aí, amigo leitor, mais uma vez a humildade!

É muito mais do que um remédio para a alergia da Alma!

É o passaporte para estados de béatidade na consciência, o Reino em nós, sem as escuras nuvens de indesejável suscetibilidade.

Evangelização



A jovem reclama atribulada:

- Chico, estou com Espírito mau encostado. Por caridade, tire ele de mim!

E o médium:

- Uai, gente! Para que tirar Espírito?! Vamos nos evangelizar todos juntos, encarnados e desencarnados!

Episódio simples, trazendo em seu bojo o bom- humor temperado de sabedoria que caracterizava o médium de Uberaba.

Há aqui material para interessantes reflexões.

A primeira diz respeito ao chamado *encosto*.

Segundo informações da espiritualidade, a população de Espíritos desencarnados é superior à dos encarnados.

Perto de seis bilhões e quatrocentos milhões, aqui.

Perto de dezenove bilhões, além.

Embora o Plano Espiritual, a morada dos Espíritos, desdobre-se em vários planos, considerável parcela dos desencarnados concentra-se na crosta terrestre, presos aos interesses, paixões e vícios que aqui cultivaram.

Situam-se como balões que não conseguem subir por trazerem em seu bojo lastros pesados.

Acabam envolvendo-se com os homens, atendendo a motivações variadas.

Geralmente a visão que temos de sua influência é extremamente negativa, condicionada por velhas fantasias sobre seres demoníacos que perseguem os homens.

Popularmente, consagrou-se da ideia do *encosto*, um ser invisível que nos persegue, perturba e oprime.

Em círculos religiosos pentecostais e carismáticos, no seio das religiões tradicionais, o *encosto* é repellido e afastado com rituais de exorcismo, aplicados com veemência, encaminhando-os às supostas origens, nas profundezas do inferno.

Infelizmente, há muita ignorância em relação ao assunto, a partir da própria expressão.

O Espírito não *encosta* na vítima. Apenas estabelece sintonia com ela, imprimindo algo de suas perplexidades, dúvidas e males que o atormentam.

Tratá-lo como um inimigo cruel, que deve ser afastado a todo custo é no mínimo falta de caridade. Ele precisa, e muito, não de exorcismo, mas de ajuda e orientação, a fim de que supere suas dificuldades e adquira condições para ser atendido por mentores espirituais.

Então, não se trata de *expulsar o adversário*, mas de *ajudar o irmão*, um filho de Deus como nós outros. E o Senhor há de apreciar, como o faria qualquer pai da Terra, nossa boa vontade.

O leitor naturalmente estará evocando a figura do perseguidor, o Espírito que maltrata suas vítimas, por vingança ou insólito prazer.

E argumentará:

Esse ser maléfico deve ser execrado e afastado com todos os recursos de que possamos dispor, a fim de que deixe de perturbar as pessoas.

Aqui entra a orientação sábia de Chico:

Evangelho nele!

E como evangelizar o Espírito, convencendo-o de que labora em engano, que deve modificar suas disposições?

É simples:

Evangelho em nós!

Como sabemos, meu caro leitor, a didática do Evangelho é o exemplo.

Ensinar praticando.

Mesmo quando estejamos às voltas com obsessores vingativos a nos perseguirem, se nos empenharmos em viver as lições de Jesus; se não

nos deixarmos dominar por sentimentos negativos; se exercitamos todo bem ao nosso alcance, estaremos elevando nosso padrão vibratório, com o que nos libertaremos, automaticamente, de sua influência.

Melhor que isso: acabaremos por modificar suas disposições.

O Evangelho é irresistível.

Por mais empedernido seja um obsessor, não conseguirá agredir por muito tempo alguém que responde às suas agressões com um comportamento cristão.

Amigos do Cristo



A atividade de Chico era exaustiva, longas psicografias, multidões a atender, horas intermináveis, madrugada adentro...

Perguntaram-lhe como conseguia manter-se firme, sereno, atencioso, ligado no trabalho...

O médium respondeu numa única palavra:

- Aceitação.

Em meus tempos de bancário, funcionário do Banco do Brasil, deparava-me com colegas insatisfeitos, não obstante trabalharem na maior instituição financeira do país, que remunerava regidamente seus funcionários.

Conversávamos a respeito.

Eu dizia:

- Ruim para você e para o Banco trabalhar de má vontade, insatisfeito, como se estivesse carregando o peso do Mundo nas costas.

E vinha a ladainha:

- Odeio o serviço bancário! A chefia é incompetente e autoritária! Acho horrível a escravidão do horário!

- Então, meu caro, por que não pede demissão e vai cuidar da vida? Você não é obrigado a vincular-se a um serviço que lhe é indesejável!

Na verdade, contam-se nos dedos os que enxergam no serviço bancário a profissão ideal.

Rotinas cansativas, salário insatisfatório, excesso, de trabalho, jornadas além do horário normal, pressões da administração...

Aqui entra a aceitação de que fala Chico

Em qualquer atividade, podemos não estar fazendo o que gostamos, mas é fundamental aprender a gostar do que fazemos, cumprindo nossas funções com diligência e serenidade, em nosso próprio benefício.

Não obstante, é preciso definir bem essa questão, considerando que há dois tipos de aceitação:

- Estática.

A pessoa faz o que lhe pedem, sem usar a imaginação. Não pensa em melhorar, em produzir mais. Não se empenha.

É o burocrata comprometido com preguiçosa rotina, entediado com as tarefas que lhe foram confiadas.

- Dinâmica

A pessoa considera as necessidades do serviço e procura fazer o melhor, aprimorando-se, produzindo cada vez mais.

É o servidor dotado da imaginação criadora e produtiva de quem ama o que faz.

Há quem adote no Centro Espírita uma participação estática.

Considera que é preciso trabalhar no campo do Bem, fazer algo em favor do semelhante...

Essa aceitação de tarefas por mera obrigação é indesejável.

São os voluntários que, invariavelmente, fazem menos do que lhe foi confiado, na base do chegar depois e sair antes.

Lembram a expressão evangélica (Lucas, 17:10):

...quando fizerdes tudo que vos fin mandado, dizei: Somos servos inúteis; fizemos somente o que devíamos fazer.

Melhor é a aceitação dinâmica das tarefas, inspirada no amor ao serviço.

É o voluntário que se empenha, que vibra com seu trabalho, que sempre chega mais cedo e não tem pressa de sair.

Este atinge o patamar ideal, algo bem mais importante do que um simples servidor, conforme afirma Jesus (João, 15:14 e 17):

Vos sois meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando.

E explica o que espera de nós:

Amai-vos uns aos outros.

Na dinâmica do trabalho, estaremos sempre

servindo a alguém, seja na atividade profissional, no lar, na sociedade, na instituição filantrópica.

Se o fizermos com amor, faremos bem feito.

Mais que isso, será ao próprio Cristo que estaremos servindo.

Era o que Chico fazia.

Por isso, não lhe pesavam os compromissos e dificuldades.

Exercitava a aceitação dinâmica de quem ama o que faz pelo próximo, porque o próximo ama.

Rescaldo



A senhora estava em dificuldade para organizar um grupo mediúnico na instituição _Jque presidia.

Muitos candidatos, muita gente querendo participar.

Como selecionar de forma adequada, sem ferir suscetibilidades?

Indagado a respeito, Chico informou, bem humorado:

- É simples: faça a reunião com os que sobraem...

Kardec deixa bem claro, em *O Livro dos Médiuns*, que é preciso uma iniciação espírita para os trabalhos mediúnicos.

Deve ser realizada a partir de aprendizado metódico, disciplinado, em ritmo de escolaridade.

Para tanto, os Centros Espíritas bem orientados promovem cursos de Espiritismo e iniciação mediú-nica, a fim de que as pessoas se esclareçam e, se houver interesse, preparem-se adequadamente para o intercâmbio com o Além

Aqui devemos levar em consideração a observação de Chico:

Os grupos mediúnicos serão formados com os remanescentes do estudo, porquanto muitos, movidos unicamente pela curiosidade, logo se desmotivam, ante as disciplinas a que devem se submeter, relativas ao aprendizado e ao empenho de renovação inspirado no conhecimento dos postulados espíritas.

Nesse rescaldo sobram os que se conscientizaram da importância do intercâmbio com o Além, dispostos a participar com assiduidade e perseverança.

Chico, bastante experiente no assunto, tranquilizou a senhora, dando a entender que após a *A propósito do assunto, é interessante lembrar que espíritos mal avisados situam como decorrentes de mediunidade todos os distúrbios físicos e psíquicos apresentados por pessoas que buscam ajuda.*

peneiderada o grupo estaria formado, naturalmente, sem ferir suscetibilidades.

Angústia, pensamentos negativos, ansiedade, problemas digestivos, enxaqueca, brigas em família, medo do escuro, sensação de presenças invisíveis...

- *Mediunidade, meu amigo! É mediunidade aflorando!*

- *E daí, o que faço?*

- *Precisa desenvolver!*

- *Desenvolver?*

- *Sim, frequentar reuniões mediúnicas, sentar-se à mesa. Fique tranquilo! Assim que você começar o desenvolvimento vai dar tudo certo.*

*E lá se vai o despreparado **consultante para a** "ática mediúnica, sem saber absolutamente **nada a** peito do assunto, chamado a "**desenvolver**" a mediunidade para "sara".*

Uma lástima!

Males dessa natureza geralmente não guardam a mínima relação com suposta faculdade mediúnica.

São meros distúrbios físicos ou psíquicos.

Um detalhe importante, fundamental, não assimilado por dirigentes menos avisados:

Em face de uma superexcitação psíquica, decorrente de tensões relacionadas com o cotidiano, o paciente pode experimentar fenômenos espirituais, sem que tenha mediunidade a desenvolver.

Por outro lado/ influências espirituais, em quadros obsessivos, podem levá-lo a experimentar variados problemas físicos que o atormentam.

Precisa, urgentemente, não da mesa mediúnica, mas de um tratamento espiritual e de orientação doutrinária, a fim de que, disciplinando-se, supere seus desajustes.

Haja ou não mediunidade a desenvolver, a reunião mediúnica sempre lhe será benéfica, desde que se prepare convenientemente, situando-se no rescaldo que reúne os que estejam legitimamente interessados, após o afastamento dos curiosos.

Véspera da prática



Comentava-se sobre o comportamento de um expositor espírita, não compatível com o teor de suas palestras.

Por fora, bela mola. Por dentro, pão bolorento...

Chico informou bem humorado:

- Segundo nosso Emmanuel, ele já melhorou. Está pregando o Evangelho.

Observado ao pé da letra, o comentário sugere uma contemporização injustificável.

Até as pedras sabem que o verbo sem ação soa vazio, sem significado, sem capacidade de convencimento.

Ensina velho ditado que a palavra edifica, mas só o exemplo arrasta.

Além do mais, não há de causar boa impressão num auditório espírita alguém que compromete a própria palavra com comportamento incompatível.

Não obstante, partindo de um outro princípio de que a ideia é a véspera da realização, diríamos que aquele que fala o que é certo, ainda que comprometido com o erro, está pregando para si mesmo.

Terminará por enquadrar-se na própria fala.

Depois, as cobranças de sua consciência, quando esta despertar, o que acontecerá inelutavelmente na Terra ou no Além, apressará o trânsito que vai da teoria para a prática, do falar ao fazer.

O verbo nunca será vazio para aquele que o exercita, repercutindo em seu destino, tanto para o Bem quanto para o mal.

Compromete-se com o desvio quem exercita a má palavra.

Compromissa-se com o exemplo quem a boa cultiva.

Em ambos os casos, haverá cobranças da Vida, impondo renovação e progresso.

O aspecto mais importante em relação ao assunto é a malfadada maledicência.

E se o expositor de quem se falava não era nada daquilo, vitimado por uma língua ferina, de alguém disposto a *ver chifre em cabeça de cavalo*?

Nunca será demais lembrar com Jesus, no célebre episódio da mulher surpreendida em adultério, que os fariseus pretendiam

apedrejar (João, 8:7):

Aquele dentre vós que estiver livre de pecados, atire a primeira pedra.

Atrevimento nosso, ressaltar defeitos alheios quando os temos às pencas.

Pior: segundo velho princípio de psicologia, tendemos a ver no próximo o que existe em nós, algo que é próprio de nosso comportamento.

Considere-se, ainda, a visão estreita em relação a supostas deficiências de quem faz uso da palavra.

Isso, geralmente, nos leva a interpretar equivocadamente seu comportamento e suas atitudes.

Lembro de um companheiro tido por orgulhoso.

- Isola-se. Não confraterniza com os companheiros.

A realidade é bem diferente:

Trata-se de alguém extremamente tímido.

Outro traz em sua biografia dois divórcios.

- Como pode alguém falar em Evangelho, se não consegue sequer ajustar-se à família?

Não sabem os críticos que ele foi abandonado pelas duas esposas, comprometidas em relação extraconjugal.

E há a história daquele expositor espírita, criticado por sempre pedir para ficar em hotel, quando em viagem para atender a compromissos de palestras em outras cidades.

- É um esnobe.

Ideia equivocada.

Ele apenas não quer constranger hospedeiros, em face de um problema respiratório, de efeito perturbador:

Ronca! Bem alto!

Quanto ao mais, o próprio Chico afirma:

- Não podemos pretender que todos nos aceitem. Às vezes nem nós mesmos nos aceitamos! Nem Jesus foi unanimidade entre os homens

O óbvio

Alguém perguntou:

- Chico, qual o homem mais rico?
- O que tem menos necessidades.
- E o homem mais justo e sábio?
- O que cumpre com o dever.
- Isso tudo é o óbvio...
- Meu filho, tudo que está no Evangelho é o óbvio.

Observação perfeita!

No livro Eclesiastes, no Velho Testamento, há uma observação muito citada (1:9):

Não há nada de novo debaixo do Sol.

Em se tratando da sabedoria humana, nos domínios do Bem e da Verdade, bem como as conquistas sociais, nos domínios da justiça, da vida social, da atividade religiosa, no que há de mais puro e inspirador, não há nada de novo depois do Evangelho.

Todas essas realizações guardam suas origens nos ensinamentos de Jesus.

Como diz Chico, isso será sempre o óbvio.

No comentário à questão 625, de *O Livro dos Espíritos*, Kardec explica o porquê:

Diz ele que sendo Jesus o mais puro Espírito que já esteve na Terra, o próprio Criador o inspirava, o que significa que o Evangelho é o código do amor divino, base fundamental de todas as realizações mais nobres da Humanidade.

Dois exemplos práticos:

- Serviço Social.

Certa feita, participando de um curso de relações humanas no trabalho, observei, admirado, que tudo o que o monitor expunha, em favor de uma convivência produtiva entre funcionários e chefes, guardava relação com o Evangelho.

Munido de uma chave-bíblica, eficiente recurso de localização de textos na Bíblia, estabelece um confronto entre as teorias do curso e as lições de Jesus.

Apresentei o resultado numa das aulas.

O monitor e os colegas ficaram admirados ao constatar que, sem que fosse usado o nome de Jesus, muito de suas lições estavam contidas no curso.

Assim como Chico, eu poderia dizer que toda aquela conceituação exprimia apenas o óbvio, claramente exposto no Evangelho.

- Direito

A justiça brasileira vem aplicando as chamadas *penas alternativas* para determinados crimes.

Sabemos que as prisões são escolas de criminalidade. O sentenciado costuma sair dali pior do que entrou, sob influência do ambiente que é medonho.

Assim, em vez de confinar o infrator, gerando problemas para o futuro, com quase inevitável reincidência, o juiz determina que ele preste serviços comunitários, colaborando em instituições filantrópicas.

Ensinava Jesus (Mateus, 5:20):

Pois vos digo que se a vossa justiça não exceder a dos escritos e fariseus, de modo nenhum entrareis no Reino dos Céus.

A justiça dos escribas e fariseus é a do *olho por olho, dente por dente*, de Moisés, cheirando a vingança.

A sociedade vinga-se do infrator confinando-o.

É preciso ir além, considerando sua condição e suas limitações, lembrando ainda com Jesus (Mateus, 9:12):

Os sãos não precisam de médico.

Quando a justiça humana recorre às penas alternativas está dando ao infrator o melhor remédio - o compromisso de um trabalho, atendendo a uma instituição que serve à comunidade.

Isso é de inspiração evangélica.

O Centro Espírita Amor e Caridade, em Bauru, tem acolhido sentenciados em penas alternativas.

São pessoas do bem, diríamos, que deram um passo em falso.

Cumprem pena prestando serviços na instituição e posteriormente, não raro, tomam-se voluntários.

Há um excelente funcionário que começou a trabalhar como sentenciado. Se tivesse sido confinado numa penitenciária, só Deus sabe o que poderia lhe acontecer.

Tudo o que de bom e belo há na sociedade humana vem das sementes lançadas por Jesus, em favor da construção do Reino de Deus.

Lentamente, com imensa dificuldade, vamos tendo uma harmonização entre a orientação do Homem na vida social, e a orientação de Jesus, para que finalmente o Reino se consuma.

Em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, Allan Kardec debulha para nós as lições de Jesus, mostrando-nos como podemos estender o Bem ao redor de nossos passos para que o Bem se realize em nós.

Como diria Chico:

- Isso tudo é o óbvio!

Basta prestar atenção.

Paciência



A senhora reclamava:

- Pois é, Chico, todos me dizem para ter paciência, paciência com isso, paciência com aquilo... Estou cansada de ser paciente!

E Chico:

- Minha irmã, a paciência é um remédio que precisamos tomar todos os dias, de preferência em jejum, pela manhã, mesmo que nos pareça não precisarmos dele.

As virtudes evangélicas são decantadas como deveres do cristão para a edificação de um Mundo melhor.

E também como valioso investimento de bênçãos em favor de um futuro glorioso, quando aprouver ao Senhor convocar-nos para o "outro lado".

Geralmente os fiéis não costumam envolver-se muito com o assunto.

O esforço em favor do próximo é desencorajado pelo egoísmo. E quanto às benesses do amanhã, na vida espiritual, são sempre encaradas como algo remoto...

A questão muda de figura quando cogitamos das virtudes evangélicas como exercício indispensável ao nosso equilíbrio e bem-estar.

Exemplo está na paciência, recomendada por Chico.

Para um entendimento sobre o assunto, lembremos um mal disseminado na Humanidade - os diabetes.

Trata-se de um distúrbio endocrinológico provocado por uma paralisação do pâncreas, que deixa de produzir insulina, hormônio indispensável ao metabolismo dos carboidratos, no sangue.

O paciente fica na obrigatoriedade de tomar insulina sintética pela vida toda, sob pena de sofrer sérios problemas de saúde.

Algo semelhante ocorre em relação à paciência, *hormônio espiritual* que garante nossa estabilidade física e psíquica.

Somos carentes de paciência.

Resultado: irritação, intranquilidade, tensão, ansiedade, que produzem estragos, complicando relacionamentos, gerando desentendimentos e desajustando o corpo e o Espírito, com o que acabamos abreviando a jornada humana.

Uma senhora comemorava os cem anos de existência, rodeada de filhos, netos, bisnetos, tataranetos... .o

E se tentava definir a origem de sua longevidade.

Uma neta matou a charada:

- Vovó tem uma paciência de Jó. Nunca se aborrece, nem se exalta.

Não cultiva rancores, nem ressentimentos. Está sempre tranquila.

Certamente sua alma, após milenares experiências, aprimorou os mecanismos de produção natural da paciência.

Para nós outros, carentes desse *hormônio da alma*, é preciso, como ensina Chico, tomar *doses de paciência diariamente*, com o cultivo da reflexão, injetando-a em nossas *veias espirituais*.

Anime-nos o fato de que estaremos cumprindo nossos deveres para com o próximo, preparando um futuro melhor, habilitando-nos a aproveitar integralmente as oportunidades de edificação que Deus nos concede na experiência reencarnatória.

Vale lembrar que, conforme relata o texto Bíblico, Jó foi um homem muito rico, pai de muitos filhos, senhor de muitas propriedades.

Tudo lhe foi tirado por artimanhas de satanás, que queria provar a Deus que ele perderia a paciência.

Não conseguiu seu intento.

Jó, doente e pobre, sem filhos e sem propriedades, reduzido à mais abjeta condição, ainda assim sustentou sua proverbial paciência, pronunciando a frase célebre (jó, 1:21):

- O Senhor o deu e o Senhor o tomou, bendito seja o seu nome!

E o Senhor o premiou, restituindo-lhe todos os bens, proporcionando-lhe bênçãos de nova paternidade.

Teve mais filhos, ficou mais rico.

E viveu ainda cento e quarenta e oito anos!

Por isso, leitor amigo, se cultivar a paciência, essa mesma virtude com a qual chegou até aqui, nestas *mal traçadas* linhas, certamente não viverá tanto tempo como Jó, conforme fantasiou o autor do texto bíblico, mas, sem dúvida, viverá integralmente o tempo que o Senhor lhe concedeu para a experiência humana.

Oração

Falava-se sobre as respostas do Céu aos pedidos da Terra.

Quais teriam maior receptividade?

Orações curtas?

Orações longas?

Preces decoradas?

O *Pai Nosso*? A *Prece de Cáritas*?

Chico observou:

- A prece mais poderosa é a do coração. Dizemos: - Socorro, meu Pai! E, antes que ela suba da Terra ao Céu, o Céu estará chegando à Terra.

Um confrade argumentava:

- Dispensável a oração. Sendo o Criador Onisciente, Onipresente e Onipotente, conhece melhor do que nós mesmos a extensão de nossas necessidades.

Raciocínio interessante, mas equivocado.

Lembro a história do noviço, conversando com o abade, num monastério.

- As orações que o senhor nos ensina trazem Deus para perto de nós?

O abade respondeu com outra pergunta:

- Suas orações farão o sol nascer, amanhã?

- Claro que não! O Sol nasce atendendo às leis do movimento sideral!

- Está aí a resposta à sua pergunta. Deus está perto de nós, independente das orações que fazemos.

O noviço revela surpresa:

- Então, nossas orações não servem para nada!

- Qaro que servem. Se você não acordar cedo, nunca verá o sol nascendo. Se não rezar, embora Deus esteja sempre por perto, nunca

conseguirá sentir Sua presença.

Imagine, leitor amigo, que você está dentro de uma piscina. Não obstante, morrerá de sede se não tomar elementar providência - abrir a boca.

O mesmo ocorre em relação às benesses divinas.

Deus é a inteligência cósmica.

Suas bênçãos estendem-se por todo o Universo.

Estamos mergulhados nelas como peixes no Oceano.

Mas, para que possamos assimilá-las é indispensável *abrir a boca*, espiritualmente falando.

É o que faz a oração - abre as comportas de nossa alma, habilitando-nos a receber as dádivas divinas.

Há, em todas as religiões, incontáveis preces, orientando o pensamento.

Nas obras de André Luiz há orações belíssimas pronunciadas por mentores espirituais, em variadas situações, não como quem apresenta uma fórmula, mas como quem aponta caminhos, demonstrando-nos como, em variadas situações, devemos procurar a divindade.

Em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XXVUI, Allan Kardec explica:

Os Espíritos jamais prescreveram qualquer fórmula absoluta de preces. Quando dão alguma, é apenas para fixar as ideias e, sobretudo, para chamar a atenção sobre certos princípios da Doutrina Espírita.

Vale lembrar o *Pai-Nosso*, a respeito do qual destaca Kardec, na mesma fonte:

...é o mais perfeito modelo de concisão, verdadeira obra-prima de sublimidade na simplicidade. Com efeito, sob a mais singela forma, ela resume todos os deveres do homem para com Deus, para consigo mesmo e para com o próximo. Encerra uma profissão de fé, um ato de adoração e de submissão, o

pedido das coisas necessárias à vida e o princípio da caridade. Quem a diga, em intenção de alguém, pede para este o que pediria para si.

Não obstante, o *Pai-Nosso* não deve ser encarado como simples fórmula verbal, cujo alcance esteja na repetição interminável, como fazem muitos crentes.

Ao enunciá-lo Jesus atendeu a um pedido dos discípulos (Lucas, 11:1):

-Senhor, ensina-nos a orar...

A chamada *oração dominical* é, portanto, uma orientação de como orar, dos sentimentos que devemos mobilizar nesses momentos sagrados de comunhão espiritual.

Sem esse cuidado, as palavras perdem-se ao vento... *i*

É o que Chico destaca ao dizer que a prece mais importante é a do coração, estabelecendo tão rápida conexão com o Céu que o socorro chega até nós antes que lá cheguem os pensamentos que a exprimem.

Das sogras



A ideia de que feliz foi Adão porque não teve sogra, é uma ilustração perfeita do conceito negativo de que elas *desfrutam*.

Nesse mesmo tom, incontáveis chistes:

Não falo com minha sogra há quase dois anos. Ela não gosta de ser interrompida.

Não mando minha sogra pró inferno porque tenho pena do diabo.

Sogra não tem problemas no trânsito, vassoura não engarrafa.

Sogra não é parente. É castigo.

A única sogra que presta é a da minha mulher.

Sogra é como cerveja, só é boa gelada e em cima da mesa.

Minha sogra caiu do céu. Deu pane na vassoura.

Se sogra fosse boa, você não tinha só uma.

Pobres sogras!

Carregam fardo pesado, com toda a carga negativa que o nome impõe, sinônimo de bruxa.

Chico, com bom o humor e a sabedoria que o caracterizavam, modifica a visão pejorativa, com notável resposta que deu a alguém que se queixava da presença da sogra, morando em sua casa, causando-lhe mal-estar.

- Quando o genro procura ser um filho para a sogra, a sogra se sente na obrigação de lhe ser segunda mãe.

Estereótipo pode ser definido como ideia preconcebida sobre alguém ou algo. Exemplo: Considerar a sogra um sinônimo de encrenca.

As pessoas levam tão longe essa concepção que genros e noras nem mesmo as aceitam como gente da família, ainda que convivendo sob o mesmo teto.

Problemas de relacionamento, no universo de pais e filhos, marido e mulher, irmãos e irmãs, dentro do lar, são sempre toleráveis.

Mas, se a sogra se atreve a qualquer interferência, logo o ambiente se tumultua, e se fala em *ingerência indevida*, de alguém que *não é parente*.

Uma senhora, em boa situação financeira, ajudou durante bom tempo sua filha que, engravidando, casou-se antes de formar-se. O marido também estava estudando, sem emprego definido.

Ela, viúva, garantia genro, filha e neta, que moravam em sua casa.

Certa feita, vendo que o casal estava tomando uma iniciativa equivocada, procurou alertá-los. Á resposta do genro foi curta e grossa.

- A senhora não tem nada que dar palpite em nossa vida!

Na sua concepção, a sogra tinha apenas o dever de sustentá-los, sem nenhum direito.

Bem, considerando que o inverso ocorra e que a sogra o seja em toda a extensão pejorativa do termo, não podem genros e noras, por mais intransigentes, ignorar algo elementar:

Ela é, acima de tudo, um Espírito imortal encarnado, com virtudes e defeitos próprios do estágio evolutivo em que se encontra a Humanidade.

E mais, segundo um velho princípio de psicologia, tenderá a se comportar da forma como a vemos.

Estimular pequenas virtudes é uma forma de desenvolvê-las.

Apontar defeitos e mazelas é a melhor maneira de exacerbá-los.

Se você, leitor ou leitora, não está convencido quanto à justeza da afirmativa desse princípio, experimente considerar sua sogra uma segunda mãe, valorizando os aspectos positivos de sua personalidade e ignorando suas deficiências.

Evite comentários desairosos a seu respeito, valorize o que tenha de bom e terá agradáveis surpresas, vendo a "bruxa" converter-se numa segunda mãe.

Um index espírita



Um dos grandes benefícios produzidos pelo avanço da informática diz respeito à facilidade para a produção de livros.

Lembro-me das máquinas de datilografia, hoje praticamente peças de museu.

Durante décadas usei uma semi portátil, robusta e eficiente *Olivetti Studio-44*.

Sou diplomado em datilografia.

É isso mesmo, leitor amigo. Antigamente havia cursos para quem quisesse martelar o teclado de forma correta, usando todos os dedos, até o polegar. Memorizada a localização das letras e sinais gráficos, é uma beleza: escreve-se sem necessidade de olhar o teclado.

Foi ótimo.

Habilitei-me à distinção *exímio datilógrafo*, em meu currículo, uma grande vantagem diante de concorrentes sujeitos a *catar milho*, expressão que define quem usa apenas dois dedos para datilografar, sempre de olhos presos nas teclas.

Mesmo assim, preparar o texto de um livro era enfadonho.

Quando se tratava do original que ia para a editora, todo cuidado era pouco. Qualquer alteração exigia o enjoado trabalho de refazer a página inteira.

A inclusão de algum parágrafo que extrapolasse o limite da página impunha reformulação de todo o capítulo, abrangendo, não raro, várias páginas.

Hoje é tudo muito simples.

Trabalha-se o texto no computador, à exaustão. Faz-se alterações, com inclusões ou exclusões sem problema. Há até o corretor ortográfico que aponta

os erros de grafia das palavras, dispensando o *pai dos burros*.

Uma beleza!

Por outro lado, a própria publicação foi facilitada. Texto conduzido, é remeter cópia em CD para a gráfica, que faz a diagramação e, rapidinho, providencia a publicação.

Edições do autor, que banca todo o processo e as despesas, tomaram-se corriqueiras, em face da redução de custos.

Daí a quantidade imensa de textos em circulação.

Acontece também na literatura espírita. Há hoje milhares de livros à disposição do leitor, o que tem suscitado críticas quanto à qualidade literária.

Sugere-se uma triagem.

Livrarias e Centros Espíritas que fazem a comercialização deveriam pôr *na geladeira* textos inconvenientes.

Seria viável em núcleos pequenos, onde a quantidade de títulos é mínima. Centros e livrarias maiores, que comercializam centenas de títulos, teriam dificuldade para operar essa triagem.

Por outro lado, se a Igreja Católica suprimiu seu *index*, a relação de livros que o católico não deve ler, por que cargas-d'água haveríamos de retroceder à Idade Média, criando algo semelhante?

E há que se considerar o arbítrio dos censores. No período de repressão, em pleno regime militar, no Brasil, cometiam verdadeiros atentados à cultura e ao bom senso, vetando obras de arte em filmes, livros, peças teatrais, composições musicais, sob a alegação de que constituíam atentados à moral e aos bons costumes ou incitamento à rebelião.

Ouçó, frequentemente, críticas ferinas a determinados livros espíritas.

Seu *pecado*: a simplicidade. Podem apresentar pequenos deslizes doutrinários no varejo, mas que não comprometem a Doutrina no

atacado.

Não obstante, os *censores* logo os condenam, sem observar que esses livros promovem excelente trabalho de divulgação, com ótima aceitação entre pessoas que buscam o consolo da Doutrina Espírita.

Tenho conversado com confrades que fizeram sua iniciação com livros que nossos *censores* vetariam.

Indagado a respeito do assunto por um confrade preocupado com a quantidade de livros espíritas publicados, Chico respondeu:

- Fique tranquilo. Quando não é verdade, acaba por si mesmo.

O médium tem razão.

Livros se impõem pelo conteúdo. Quanto a isso, compete ao leitor decidir, sem necessidade de censores que pretendam reviver algo que a ortodoxia religiosa levou séculos para eliminar.

Ação e oração

Vivendo à margem de um riacho, o discípulo de sábio guru tinha um propósito: atravessar para o outro lado, levitando.

Durante dez anos fez intenso treinamento, entregue à oração, à meditação e a prolongados jejuns.

Ao sentir-se apto, concentrou-se e, para espanto daqueles que o observavam, ganhou os ares, aterrissando na margem oposta, sem nenhum problema.

Mas tinha uma dúvida.

Conversando com seu guru, perguntou-lhe:

- Mestre, gostaria de saber por que demorou tanto tempo para que eu conseguisse efetuar a travessia?

O sábio respondeu:

- Bem, meu filho, seria bem mais rápido se você houvesse construído uma pinguela...

Chico contou esta história certa feita em que se falava da meditação oriental para disciplinar e desenvolver os poderes mentais.

Evidentemente, não estava questionando a utilidade dessas técnicas em favor de nosso equilíbrio e bem-estar.

Apenas deixava entrever que, no aspecto prático, na vida de relação, a ação pode ser mais importante do que a meditação.

É simples perceber isso.

Basta observar as diferenças entre dois países:

- Índia, país de milenares técnicas de meditação, mas subdesenvolvido, onde considerável parcela da população vive abaixo da linha da pobreza.

* França, país de cultura pragmática, com avanço extraordinário nos domínios da tecnologia, a favorecer uma qualidade de vida muito melhor.

O tema é interessante e lembra problemática da fé.

Diz Jesus (Mateus, 17:20):

... Em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: passa daqui para acolá, e ele passará. Nada vos será impossível.

O indiano ficaria a vida toda concentrando seu pensamento, ampliando poderes para realizar tal proeza.

Não seria fácil.

Ao que se saiba, em toda a história do Cristianismo não encontramos nenhum prodígio dessa natureza, passível de ser realizado apenas por Espíritos da estirpe de Jesus.

Mas, certamente, houve muita gente de pá na mão, transportando montanhas.

Gente que tem fé em Deus, mas tem fé também em sua iniciativa; gente que alcança seus objetivos com a ajuda do Céu, a partir do esforço pessoal.

Uma senhora sonhava construir uma creche para atender crianças carentes.

Ganhou amplo terreno, recebeu um projeto de um engenheiro, iniciou a construção e durante anos pediu ao Céu que lhe enviasse recursos para concluir a obra.

O Céu parecia não muito interessado, porquanto nada acontecia e a obra iniciada envelhecia antes de ser inaugurada.

Vinte anos depois ela desencarnou, sem concretizar seu sonho.

A obra foi entregue a um Centro Espírita. A diretoria mobilizou recursos, estimulou adesões, desenvolveu iniciativas, fez campanhas e

em um ano estava concluída.

Em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, no capítulo XXV, Kardec abre um tópico com o título *Ajuda-te que o Céu te ajudará*.

Discorrendo sobre o assunto, demonstra que sempre receberemos a ajuda do Céu para nossas iniciativas no campo do Bem e da Verdade, desde que estejamos conscientes de que em todas as realizações humanas é preciso tanto a ação quanto a oração.

Notas

[←1]

Herdeiros : ^

São os que entram na posse desse tesouro incalculável de cultura e conhecimento, a desdobrar-se nos livros de André Luiz, Emmanuel, Humberto de Campos e tantos outros Espíritos que se tomaram "visíveis" graças ao médium.

É uma herança extremamente valiosa, maravilhosa *lente de aumento* que nos permite entender

[←2]

[←3]

O professor que não prepara sua aula vai perder-se em divagações.

[←4]

Céu.

Local de béatitude, de contemplação eterna, contrariando as leis de trabalho, movimento e progresso que regem o Universo.

[←5]

**A ajuda mais efetiva dos mentores espirituais.
O lugar ideal para recebermos ajuda espiritual**

[←6]